

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS
RELIGIÕES

HISTORIADORES DE FÉ: AGNOSTICISMO E
RELIGIOSIDADE EM JEAN DELUMEAU E SOUTO MAIOR

ANSELMO JERONIMO DE SANTANA

João Pessoa - PB

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES/
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS
RELIGIÕES

HISTORIADORES DE FÉ: AGNOSTICISMO E
RELIGIOSIDADE EM JEAN DELUMEAU E SOUTO MAIOR

ANSELMO JERONIMO DE SANTANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa Religião, Cultura e Produções Simbólicas, sob a Orientação do professor Dr. Carlos André Cavalcanti.

João Pessoa - PB

2009

S232h Santana, Anselmo Jerônimo de.

Historiadores de fé: agnosticismo e religiosidade em Jean
Delumeau e Souto Maior / Anselmo Jerônimo de Santana.-
João Pessoa, 2009.

111f. : il.

Orientador: Carlos André Cavalcanti

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

1. Delumeau, Jean. 2. Souto Maior, Armando. 3. Religião.
4. Ciência e Religião. 5. História e Religião. 6. Cristianismo. 7.
Fé. 8. Espiritismo.

UFPB/BC

CDU: 2(043)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em especial a minha querida esposa Eva (Evaneide) por ser minha eterna companheira suportando todas as dificuldades, a distância e ainda sorrir. Aos meus queridos filhos Priscila, Kamila, Lucas e ao pequeno André Luís, meu neto por serem essenciais em minha vida A Dona Doris(Doralice) minha mãe pelos conselhos e orientações e sua paz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que foram decisivos neste trabalho, ao amigo e irmão Francisco Airton pelas conversas e discussões, a minha cunhada Evany pela força e por me ter tolerado em sua casa. Ao amigo e irmão Júlio César por ter sido a mão amiga e coração de paz a me auxiliar. Ao Professor Carlos André, pelo incentivo e acolhida no trabalho e sugestões; a Professora Neide Miele pela luta da causa das Ciências das Religiões e seu comprometimento com a educação feita com o coração e a razão, a sensibilidade e o saber. A Professora Anna Christina, pelas dicas e encaminhamentos. Aos meus colegas de turma, pela troca de idéias e por ter aprendido muito com eles, que nos enriqueceu bastante.

EPÍGRAFE

Como vivermos é como educaremos, e conservaremos no viver o mundo que vivermos como educandos. Educaremos outros com nosso viver com eles, o mundo que vivermos no conviver. Humberto Maturana.

RESUMO

Este trabalho traz questões relativas a ciência e a religião, história e religião possibilidades de aproximações desses dois campos do saber. Para contribuir com a discussão foi destacado dois historiadores: Jean Delumeau e Souto Maior. Delumeau é um historiador francês que tem desenvolvido pesquisas em torno do cristianismo com especial destaque para a questão do medo e o discurso da culpabilização. Oriundo de uma tradição atéia, ele é católico e em seu livro *As Razões de minha Fé*, expõe suas convicções. O historiador é o brasileiro Armando Souto Maior que no final de sua vida deixou a visão agnóstico, para se tornar espírita, escrevendo o livro: *Antes e Depois de Kardec*, com isso mudou de campo simbólico, tornando-se religioso e efetuando uma série de ações em torno do espiritismo e a história. A história, o historiador, e o historiador-professor, em sua atividade profissional é enfocado, diante de todo um percurso que vem desde o século XIX e os desafios da história do século XX e toda a construção do século XXI e a perspectiva de um maior aprofundamento com outras disciplinas no estudo, da religião, da relação ciência e religião, a fé e suas implicações na produção do conhecimento científico. A questão da religião e o campo da religião, não ser apenas o campo da religião, o do fenômeno religioso, visto em toda a sua realidade. A ciência e religião, são campos do saber, que em muitos momentos estiveram em conflito, sendo os discursos de ambos observado no contexto da história desde os egípcios e outros povos.

Palavras Chaves: Religião. Ciência. Fé. História.

ABSTRACT

This work brings issues relating to science and religion, history and religion of these two approaches to potential fields of know. For contribute to the thread was posted two historians: Jean Delumeau and Souto Maior. Delumeau is a French historian who has done research on the Christianity in particular the question of the discourse of fear and led to a tradition blame. De atheist, he is Catholic and in his book *The Reason for My Faith*, sets out his beliefs. This is the Brazilian historian Armando Souto Maior the end of his life left the agnostic vision to become spirit, writing the book: *Before and After Kardec*, that changed with the symbolic field, becoming religious and making a series of actions around the spirit and history. The history, the historian, teacher and historian, in his professional activity is focused in front of an entire pathway that comes from the nineteenth century and the challenges of the history of the twentieth century and the whole construction of the XXI century and the prospect of a further with other subjects in the study of religion, of the science and religion, the faith and its implications in the production of scientific knowledge. The issue of religion and the field of religion, not just the field of religion, the religious phenomenon, seen in its full reality. The science and religion, are fields of knowledge, which were many moments and conflict, and the speeches of both observed in the context of history from the Egyptians and other peoples.

Keywords: Religion. Science. Faith. History.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura.1 Declínio do Império Americano.	37
Figura.2 As Invasões Bárbaras	38
Figura.3 Capa do livro As Razões de Minha Fé	43
Figura.4 Delumeau	55
Figura.5.Capa do livro Antes e Depois de Kardec	57
Figura.6 Centro de Filosofia e Ciências Humanas	66
Figura.7.As Mesas Girantes	69
Figura.8 As irmãs Fox	69
Figura.9 A Inquisição em Portugal	70
Figura.10 Túmulo de Kardec	71
Figura.11 Materialização de Sammuel	72
Figura.12 A crença no diabo	73
Figura.13 Adão o monge e o Diabo	74
Figura.14.2ª edição do Livro dos Espíritos	75
Figura.15. Paris de 1850	76
Figura.16 A tecnologia	77
Figura.17 Anúncio da morte.	78
Figura.18 A morte e o corpo	79
Figura.19 A morte do usurário e do mendigo	81
Figura.20 Curso de Aritmética de Rivail	82
Figura.21 Colégio Allan Kardec	83
Figura.22 Aldeia Missionária	84
Figura.23 Sete Povos	85
Figura.24 Capa do livro O Pecado e o Medo	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO. 1.A EFICÁCIA SIMBÓLICA DA RELIGIÃO E DA CIÊNCIA	14
CAPÍTULO.2. O OFÍCIO DO HISTORIADOR: OS DESAFIOS SÉCULO XXI	26
2.1 O Historiador no Campo Religioso	30
2.2 O Historiador e sua Identidade	32
2.3 Profissão Historiador	35
CAPÍTULO.3 HISTORIADORES DE FÉ	40
3.1 Jean Delumeau	40
3.1.1 Cristianismo em Delumeau	50
3.2 Armando Souto Maior	56
3.2.1 Agnosticismo e Espiritismo em Souto Maior e Análise de Imagens	67
CAPÍTULO.4 DELUMEAU E SOUTO MAIOR APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS	86
4.1 Reencarnação	86
4.2 Jesus Histórico	86
4.3 Natureza Divina de Jesus	87
4.4 Igreja Tridentina e o seu Braço Educacional: Os Jesuítas	87
4.5 O Cristianismo e a Questão do Perdão	90
4.6 O Cristianismo em Perspectiva para Souto Maior	91
4.7 Discussões de Delumeau e Souto Maior no Campo Religioso	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
APÊNDICE	109

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa as relações entre ciência e religião com ênfase na discussão de aspectos que norteiam o entendimento do cientista e sua crença religiosa enquanto sujeito social ou como esse sujeito interpreta e produz bens simbólicos.

Como Projeto de Pesquisa se insere na Área de Concentração de Ciências das Religiões, dentro da linha de Pesquisa de Cultura e Produção Simbólica na qual, pretende-se estudar aspectos dessa questão, através da ótica do historiador. Para tanto, optou-se por centrar essa análise em dois historiadores - Jean Delumeau e Armando Souto Maior - procurando, a partir da análise das aproximações e divergências no discurso religioso desses estudiosos, investigar o fenômeno religioso.

Ciência e Religião, dois saberes em que se descortina uma série de indagações e possibilidades que ao longo da história sofreram aproximações e distanciamentos. Dai que surgem os questionamentos: Onde ciência e religião se encontram? Há essa possibilidade? São intransponíveis essas diferenças? Razão, fé, raciocínio, espiritualidade, crenças, ritos, mitos, têm razão de ser? Suas lógicas são incongruentes por natureza ou são construções humanas, que alternam a supremacia do discurso da verdade?

Ao longo da história, a alternância da razão e da fé como primazia criou um mal-estar que tem reflexos e contendas em nossa contemporaneidade. Períodos em que a ciência é desdenhada e perseguida e períodos nos quais a fé é considerada irrelevante e a religião em si alienante e ilusória. Nesse processo, paulatinamente, a razão assumiu a primazia do entendimento e do conhecimento humano relegando outros saberes ao plano da imaginação, sem nenhuma validade.

Consideramos hoje que a ciência representa a religião da maior parte da humanidade. O que o meio científico, admite, ou comprova transforma-se em lei, a qual se segue à risca. Ora então, o conhecimento científico, tomado desta forma, representa a verdade máxima para este ser humano (VIEIRA, 1992, p.166).

Essas posições conflitantes foram construídas ao longo da história em séculos de deformações e imposições de ambas as partes. Hoje, quais as posições destes dois saberes? Em que contribuem certas hostilidades entre ciência e religião em uma sociedade humana em intensa transformação do ponto de vista planetário? A ciência tem a última palavra para todas as questões ou ela mesma faz uma reflexão em torno de seu alcance? E as doutrinas religiosas com seus dogmas inquestionáveis? Por qual ângulo pode-se abordar a religião, pelo campo simbólico, pela cultura, pela eficácia simbólica?

O que se tem ao longo do tempo, no Ocidente, são dois saberes fechados em si mesmos, em seus castelos, em seus espelhos adorando-se como Narciso, porém além do espelho há a realidade e suas muitas faces a desafiar, cada vez mais, os que se pergunta a respeito do homem, da natureza, do universo, da vida, da morte, da consciência, da inconsciência, e quando emergir das águas da realidade, algo a mais, invocará um arguto e angustiante? Por quê?

O momento é de visualizar possibilidades e com isso um possível passo na antítese ciência x religião, razão x fé. O simbólico, o imaginário estão presentes nessas duas representações da realidade; o campo das emoções, do sentimento, do mito, da imagem e dos símbolos, constitui-se na complexidade humana e do planeta. A partir das idéias e percepções se cria a visão de mundo, dando sentido e significado à realidade em que se vive, conforme Morin argumenta: “Nossas visões de mundo são as traduções do mundo. Traduzimos a realidade em representações, noções, idéias e depois teorias” (2000, p.63).

Acrescentem-se a essas questões as crenças, que não dão margens a dúvidas. Viver pautado pelos dogmas das crenças implica o pensamento de que não há nenhuma possibilidade de erros ou de falseabilidade.

Entende-se que a História pode contribuir, ao investigar estes saberes, mitos, ritos, símbolos, práticas, discursos no campo religioso, que grosso modo são denominados de superstições. Superstições insistentes em muitos lugares apesar de toda tecnologia e ciência.

A religião e a religiosidade como fenômeno, alcançam a sociedade, seja na manutenção da ordem social estabelecida, seja nos momentos de ruptura. Sendo assim, como os historiadores observam essas questões?

No seio dessas interrogações se encontra o objeto deste estudo - *Historiadores de Fé: agnosticismo e religiosidade em Jean Delumeau e SoutoMaior*, que propõem discutir como cientistas, que professam uma crença, a circular entre a razão e a fé.

Nesse contexto, procura-se refletir sobre as obras fundamentais de dois historiadores representantes de escolas históricas distintas. **Provocando** então (sugere-se) um diálogo entre os dois pesquisadores, com aproximações no campo da religião, em relação não ao cientista, porém ao homem político, conforme diria Max Weber.

Para Weber (2005), não se podem colocar as opiniões pessoais, políticas, na sala de aula por conta do domínio do professor sobre seus alunos, o que devemos é aprimorar toda a pesquisa científica para que o aluno retire suas conclusões pautadas na aquisição do conhecimento, através da metodologia científica, inspirando a busca do conhecimento com objetividade.

Afirma Weber que a ciência não é revelada. O caminho da pesquisa leva o estudioso a despertar da vocação para a ciência, ao interpretar os fatos.

È imperdoável a um professor valer-se dessa situação para buscar inculcar em seus discípulos as suas próprias concepções políticas, em vez de lhes ser útil, como é de seu dever, através da transmissão de conhecimento e de experiência científica (2005, p.46).

O historiador Jean Delumeau, faz abordagens a respeito de um tema fundante ou mito que vai do medo, à culpa, à salvação. No livro *As razões de Minha Fé* (1983), o autor discute qual mito subjaz, ou seja, procura entender o que move o pesquisador.

Nesta proposta de discussão, pretende-se entender de que maneira um historiador de tradição francesa, não se reconhece ateu, pelo contrário, evoca Deus neste livro posiciona-se, como católico, assim como em seus vários artigos e entrevistas; observar também a trajetória dos estudos deste pesquisador e sua postura diante das questões impostas pela ortodoxia acadêmica. Através da análise de seus escritos,

compreender a postura de um historiador em busca de respostas para questões que nortearam seu caminho acadêmico e seu tema emblemático- o medo.

O historiador Armando Souto Maior (2006) trará sua contribuição ao debate ciência- religião, a partir de uma análise de sua obra *Antes e Depois de Kardec* , também, a sua produção historiográfica.

Neste contexto, objetiva essa pesquisa identificar aproximações entre as posições desses dois historiadores, em relação à pesquisa sobre religião, refletir acerca da contribuição de suas obras para a Academia, distinguir os temas de seus estudos, analisar, em suas obras, os caminhos para o historiador do século XXI e seus desafios, com ênfase para a relação história-religião.

Procurando contribuir com os estudos da religião, sugere-se a aproximação da história com a religião, para compreender a religião como passível de ser estudada com maior profundidade por estar intrinsecamente ligada às transformações sociais e culturais nas sociedades.

A metodologia utilizada para este trabalho consta de pesquisa bibliográfica, análise textual, entrevista com familiares e análise da correspondência pessoal de Armando Souto Maior.

Justifica-se a escolha do objeto de pesquisa, a partir das concepções religiosas dos dois historiadores e, assim, averiguar diante da questão história e religião a construção de suas obras e contribuições.

Neste estágio de estudo, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro - A Eficácia Simbólica da Religião e da Ciência, desenvolvendo a discussão teórica acerca do sistema simbólico da ciência e de sua eficácia bem como da religião. A seguir, no segundo – O Ofício do Historiador: Desafios Para o Século XXI, inicia-se os estudos acerca da contribuição do historiador para produzir a história e os caminhos abertos por diversas escolas. No terceiro - Historiadores de Fé, procura-se analisar as obras dos historiadores Souto Maior e Jean Delumeau suas produções acadêmicas, e posturas religiosas, ligadas ao tema deste trabalho.

CAPÍTULO 1 – A EFICÁCIA SIMBÓLICA DA RELIGIÃO E DA CIÊNCIA

Este capítulo desenvolve a eficácia das crenças na ciência e religião que contribui para a visão de mundo e a capacidade de moldar pensamentos e comportamentos dos homens.

Desde épocas recuadas da História, procurou-se respostas para os fenômenos sociais, da natureza, e sobrenaturais através de interpretações e análises da realidade. Entretanto, hoje, surgem novas e inquietantes questões em que apenas o entendimento de um aspecto da realidade não é suficiente para projetar uma resposta. Neste contexto, o cientista diante de questionamentos fica indeciso quanto ao caminho que deve trilhar para uma melhor compreensão da realidade, ou seja, seguir o isolamento das ciências ou uma abertura para essa realidade tão complexa, quanto o humano e o meio natural?

Pode-se dizer que ao longo da história da ciência, a concepção da razão tomou a forma de um mito, com isto ocorreu uma tradição de conhecimento, que foge aos padrões da razão e se caracteriza como saberes incoerentes, falaciosos e ilusórios pertencentes ao campo do irreal.

O conceito hegemônico de ciência é assim expresso por Trujillo Ferrari (1974, p. 27):

Entendemos por ciência uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o conhecimento de certos fenômenos que se deseja estudar: a ciência é todo um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação.

O problema história x religião é aqui levantado entre vínculos e aproximações. A história como narrativa, busca descrever a realidade através dos acontecimentos. A história como problema, tem a diversidade de temas e de questões, que vem desde os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais, até os mitos e o imaginário.

História como ciência estuda a realidade humana, a partir das relações sociais e culturais e da efetiva participação dos sujeitos históricos. Sujeitos que se encontram em

todas as religiões e religiosidades. Entendendo a religião como um fenômeno cultural, faz-se a seguinte indagação: que vínculos e aproximações existem entre a religião e a história?

O estudo das sociedades denominadas primitivas no século XIX e início do século XX por estudiosos como Durkheim (2003), Mauss (1974), e de outros pesquisadores, contribuiu para o conhecimento destes povos. Os europeus propiciaram o surgimento de amplos estudos em diversas sociedades na Polinésia, na América do Norte e dos índios, na América do Sul, inclusive os povos indígenas do Brasil. Assim o estudo das religiões abriu fronteiras no campo do fenômeno religioso. Entre a diversidade de teorias, os pesquisadores abordaram o tema das religiões destes povos primitivos e, com o desenvolvimento destes estudos, iniciaram a pesquisas das manifestações religiosas na Europa, com ênfase para o estudo do cristianismo.

A Nova História Cultural na segunda metade do século XX aborda diversos temas, entre estes: religião, religiosidade, festas religiosas, imagens, símbolos, ritos. A concepção de história afina-se com a antropologia e a sociologia. Com este diálogo ampliou-se a visão do historiador, que se desembaraçou da história política do positivismo e dos grandes acontecimentos, para observar o homem no contexto social e cultural. Mentalidades, tempos diferentes, espaços e territórios diversos, são alvo de pesquisa de inúmeros historiadores.

A relação história e demais ciências sociais possibilita a interdisciplinaridade cuja contribuição de uma ciência auxilia e aprofunda o conhecimento da realidade sócio-cultural.

Destaca-se neste trabalho a contribuição de Max Weber (2005), na tipificação do cientista e do político. Assim optou-se por dois historiadores com posições diferentes, em contextos social e cultural distintos: França e Brasil, observando a perspectiva desses e suas relações com o tema história e religião.

Na busca pela construção do conhecimento, encontra-se uma identificação temática entre Jean Delumeau e Mircea Eliade, os dois pesquisadores têm na religião prioridade de estudo. Em Eliade encontram-se os conceitos de sagrado, profano, hierofania. Em Delumeau, a persistência do tema do medo, da culpa, do paraíso, do

inferno e toda a simbologia cristã. Em Eliade, a fenomenologia do homem religioso, as estruturas simbólicas e míticas do cristianismo de outras sociedades e outras culturas.

Para Eliade (1983): “a consciência de um mundo real e significativo está intimamente ligada à descoberta do sagrado”. Para ele o elemento religioso é fundamental. O sagrado encontra-se em todas as culturas.

O fenômeno religioso encontra-se nas sociedades humanas, inserido na cultura dos povos. Neste sentido, práticas, ritos, condutas, fazem parte desse contexto, uma vez que expressivas mudanças sociais no Brasil e no mundo passam, pela religião. Mudanças e permanências fazem parte da história.

A religião apresenta uma diversidade de conceitos, apresentamos alguns citados por Marchi (2008).

Religião é uma crença na existência de um ente supremo, uma divindade, como causa e fim do universo, à qual o homem presta culto” (Émile Durkheim);

Religião é um conjunto de doutrinas e práticas próprias de uma denominação religiosa, geralmente organizada por estrutura hierárquica em forma vertical.”

Religião é um conjunto de atitudes, ritos e práticas que um determinado indivíduo ou grupo manifesta para com o sobrenatural (Max Weber);

A religião é uma coisa eminentemente social. As representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos (Émile Durkheim),

Religião é um conjunto de conhecimento, de ações e de estruturas com que o homem exprime reconhecimento, dependência, veneração em relação ao Sagrado (B. Mondin);

Religião é a expressão social em ritos, a prática da convicção, confessada pelos membros do grupo religioso, de que há seres ou forças transcendentais que influenciam sua vida e dos quais eles dependem” (Karl Marx);

Religião é qualquer grupo organizado de pessoas que confessam uma crença comum em forças sobre-humanas que dirigem, na idéia deles, o destino do mundo e de suas vidas, até depois da morte”(Karl Marx).

A Religião como estrutura cultural possui um campo próprio, o sagrado. Gilberto Safra apud Euclides Marchi (2008, p.33_53) referindo-se a Durkheim destaca que: “O sagrado é o traço essencial dos fenômenos religiosos, trata-se de um sentido que se define pela oposição ao profano. Sagrado e profano fariam de dois mundos contrários, em torno dos quais gravita a vida religiosa”.

Para Rudolf Otto apud Euclides Marchi, (2008, p. 33). “O sagrado é, antes de mais nada, uma categoria de interpretação e de avaliação, que como tal, só existe no domínio religioso.” E ainda nas diversas culturas antigas a experiência do viver encontrava-se ligada à experiência do sagrado. É o que afirma Eliade:

Mas é preciso ainda insistir sobre este ponto: o sagrado não é um estágio na história da consciência, é um elemento na estrutura desta consciência. Nos graus mais arcaicos de cultura, viver enquanto ser humano é, em si, um ato religioso, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. A experiência do sagrado é ao modo de ser do homem no mundo. Sem experiência do real- e do que não o é-, o ser humano não saberia construir-se [...] O sagrado não implica a crenças em Deus, nos deuses ou em espíritos. É, repito-o, a experiência de uma realidade e a fonte da consciência de existir no mundo. (ELIADE apud MARCHI, 2005, p. 33)

Aqui, um aspecto importante do sagrado é a possibilidade de reencantamento do mundo diante de todo avanço da racionalidade científica, o sagrado não foi esquecido, ou mesmo substituído pela racionalidade científica:

A sensação de desencantamento com o mundo provocada pelo avanço da racionalidade científica fez com que novas formas de encantamento surgissem e se infiltrassem no comportamento e na organização da sociedade e se revelassem tanto sob a forma de devoção quanto de resistência (MARCHI, 2008, p.38).

Devoção e resistência são aspectos da religião e da religiosidade, cabendo à história pesquisá-las e compreendê-las como campo rico para a pesquisa, entre a racionalidade científica e o desencantamento do mundo, o sagrado, e o reencantamento do mundo. Quanto à religiosidade “É vista como um comportamento pessoal e intransmissível, alheia ao debate, às igrejas, às instituições religiosas” (MARCHI, 2008, p.33).

A religiosidade é uma fonte para inúmeros temas para a investigação das ciências sociais.

Em relação ao conceito de agnosticismo discutido neste trabalho, cujo termo foi criado pelo biólogo e evolucionista Thomas Henry Huxley em 1876, numa reunião da Sociedade Metafísica, opõe-se à possibilidade da razão humana conhecer uma entidade concebida como “Deus”, (a gnose tem a sua origem etimológica na palavra grega que significa conhecimento):

Para os agnósticos, assim como não é possível provar racionalmente a existência de Deus, é igualmente impossível provar a sua inexistência, logo, constituindo um labirinto sem saída a questão da existência de Deus, não se deve colocar sequer como problema, já que nenhuma necessidade prática nos impele a embrenharmo-nos em tal tarefa estéril. (<http://Brazil.skeptidic.com/agnosticismo.html>)

Quanto à fé, neste trabalho são expostos conceitos centrados em dois pensadores contemporâneos: Paul Tillich, “Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente” (CORRELATIO, 2008, p. 5). E Juan Luis Segundo (1985, p. 31), coloca a fé em dimensão antropológica:

[...] a fé (em seu sentido mais amplo e leigo) constitui um componente indispensável uma dimensão de toda existência humana. Em outras palavras: uma dimensão antropológica. Poderíamos dizer que, contrariamente ao que se poderia supor, cada homem necessita de testemunhas referenciais para articular o mundo dos valores e que o critério que faz aceitar ou rechaçar tais testemunhas (e seus testemunhos sobre as satisfações possíveis) só pode chamar fé

Para este autor, existe uma fé que é inerente a todo ser humano, religioso ou não, pois até mesmo o ateu tem a fé antropológica. A questão é como a fé antropológica desenvolve condições para se transformar em fé religiosa ou seja:

[...] uma fé (antropológica), sem perder seu caráter, pode se tornar fé religiosa [...] Nessa Exegese encontramos dois elementos constitutivos de tal fé; a transmissão de dados transcendentais, decisivos para o mundo de valores, e a adesão a uma tradição de testemunhas referenciais de aquisição e experiências desses dados. Somente esses dois elementos estão presentes, falaremos- com certa precisão de fé religiosa (SEGUNDO, 1985,p.103).

No contexto das religiões como um sistema simbólico, encontra-se a noção de eficácia simbólica que envolve mitos e ritos, à medida que essa crença permanece com

suas tradições e até mesmo, em certo momento, se adapte às questões propostas pela sociedade, tem como referencial a eficácia.

A relação da eficácia da crença e a realidade social, o simbolismo das ações e das crenças confere ao adepto um sentimento de pertencimento, de ser especial no contato com a divindade, assim suas crenças permanecem reforçadas através da repetição ritualística: “[...] para Durkheim os cultos são a prova experimental das crenças, sustentado-as, os cultos (ou rituais) são ‘atos de sociedade’. Através deles, a sociedade toma consciência de si e se afirmam” (DURKHEIM apud PEIRANO, 2004, p.18).

Encontramos outros encaminhamentos para a questão da eficácia simbólica:

Tratar de eficácia simbólica implica em tomar Lévi-Strauss como ponto de partida. Em “*A Eficácia Simbólica*” (Lévi-Strauss, 1967) ele compara o xamã ao psicanalista, e traça paralelos entre as curas obtidas por ambos. Para ele o curandeiro é eficaz em seu trabalho, na medida em que, como o terapeuta, manipula a estrutura simbólica do paciente, provocando um rearranjo emocional do mesmo, tornando pensável o que antes era apenas sentido. Toda cura se procede por ser manipulado o ponto-chave do problema, o inconsciente (MERCANTE, 2008, p. 8).

Essa manipulação da estrutura simbólica ocorre não só em relação à cura, mas ocorre em outras dimensões das religiões, como nas narrativas míticas encontradas num livro sagrado, nas palavras de um sacerdote, pastor, padre, entre outros; na resolução de problemas familiares, de emprego, de distúrbios emocionais, reforçando a crença. E na entrega dos adeptos a sua crença religiosa, em tempo e dedicação a sua causa: “Para Lévi-Strauss nesta parte do psiquismo está a base de toda estrutura mental, de toda função simbólica humana, que responde, em todas as pessoas, à uma gama limitada e comuns de leis universais (LEVI-STRAUSS apud MERCANTE, 2008, p. 18).

Por isso vem os questionamentos; O que torna o sistema simbólico religião eficaz? Provavelmente o uso efetivo dos símbolos. A cruz é um exemplo. As crenças tornam o sistema sempre permanente? Pode-se substituir um sistema simbólico, por outro? As crenças modificam-se? As mudanças dos sistema simbólicos ocorre pela ineficiência das crenças ou por se tornarem ultrapassados?

Essas crenças, em não mais atendendo as expectativas de vida de certo indivíduo, onde havia antes uma completa entrega e obediência a esse campo simbólico, agora há dúvidas, as antigas crenças tornam-se idéias, tomando o caminho do raciocínio, da crítica; a antes eficaz crença ao ser contestada por não atender aos anseios, abre as portas para a procura de um outro campo simbólico capaz de preencher uma lacuna em seu modo de vida, sua concepção de mundo e de pertencimento neste mundo se amoldando a um outro campo simbólico, que lhe ofereça significados.

Crenças há que viram idéias, como vimos, não sendo impossível que retornem, depois, idéias novamente a crenças ou que a metamorfose se processe em sentido oposto. As idéias que se transformam em crenças raramente ou nunca serão crenças fundamentais, exatamente pelo seu caráter expresso (MACHADO NETO, 1968, p. 37).

Na sociedade ocidental, muitas crenças assumiram a condição de idéias e conseqüentemente assumiram a vulnerabilidade das idéias, sua contestação, e em muitos casos o valor em si mesmo dessas idéias.

Desde as sociedades mais antigas e arcaicas, bem como as do século XX e XXI, as crenças, sejam aquelas fundamentadas nas religiões, provavelmente, mais antigas, sejam aquelas de campos simbólicos diferentes como a ciência, regem, controlam, moldam as pessoas e, no decorrer do tempo, como são flexíveis esses processos, na sociedade e na cultura, desenvolvem modificações algumas vezes sutis. Outras mais incisivas e, em muitos casos, reinvenções para sobreviverem. Outras há que desaparecem nos momentos de intensa perplexidade, até que outra crença enfrente os desencantamentos e os suplante, oferecendo saídas para as inúmeras perguntas em aberto.

Afirma Machado Neto (1969, p. 37):

Como a vida humana consiste em permanente eleição, a realidade, o Mundo, se me há de dar, fatalmente, como um sistema de estimativas. Nesse sistema, as vigências, particularmente as crenças, têm papel preponderante a realizar.

Muitos cientistas e pensadores afirmaram que com a evolução científica e, conseqüentemente, a revolução técnico-científica, a religião acabaria ou não teria nenhum tipo de eficácia. Está bastante claro pela verificação da realidade que as

religiões tomaram posturas para se amoldarem às situações que se apresentavam e com evidência não morreram e tomaram outros caminhos para suprir suas anteriores deficiências. Porém, quando um sistema religioso não tem respostas, acontece a superação ou respostas por outro sistema, outra religião: “Em el caso de que los sistemas religiosos no estén en condiciones de responder a los desafios sociales son habitualmente sustituidos por outro sistema religioso¹.” (KAN, 2005, p.50).¹

A busca em torno de respostas para suas angústias, bem estar mental, físico, social leva à procurar por outra religião. O sentir, pertencendo a um grupo com afinidade de pensamento, produz uma mobilidade em sentido contrário ao campo religioso, que o indivíduo participava por não mais responder a seus anseios.

Surge assim, um outro questionamento: A era técnico-científico consegue substituir ou compensar a visão de mundo que as religiões oferecem? Vejamos o que ressalta Kan:

Hasta a hora la revolucion científico-técnica no há implicado la Extincion de la religion tomándola en términos conceptuales como Estructuradora de los sistemas de vision del mundo, por el contrario Muestra la necesidad de las mismas de responder a estas Transformaciones para mantenerse en ese papel social²”(KAN,2005,p.50).²

Verifica-se que o papel social da religião não é substituído pelas mudanças trazidas pelo avanço técnico-científico ou mesmo anulado. Essa responde às transformações em que a sociedade contemporânea trilha, porém é notório que algumas concepções religiosas declinam ou perdem seu potencial, sua eficácia:

Las que non retocedido y se encaminan hacia su desaparicion son las propuestas religiosas que no pueden afrontar los nuevos desafios Histórico,aunque es importante aclarar que dada escision y los procesos de segmentacion de las sociedades, que puede darse la propuesta religiosa a um nicho social donde la misma posea eficacia simbólica (LEVI-STRAUSS 1976 apud KAN, 2005, p.50) ³

¹No caso sistemas religiosos que não estão em condições de responder aos desafios da sociedade são geralmente substituído por outro sistema religioso¹.” (KAN, 2005, p.50)

² Até agora a revolução técnico-científica não esta implicando na extinção da religião, tomando em termos conceituais como estrutura do sistema de visão de mundo, pelo contrário mostra a necessidade de as mesmas responder transformações para permanecer no seu papel social (KAN, 2005, p.50).

No momento atual, em que a sociedade humana encontra: guerras, aumento da violência, fome, miséria, os efeitos da atividade humana no meio ambiente com as notícias do caos no clima e adversidade climática ação acumulada do homem no percurso da história, assim o catastrofismo e o medo que dele repercute, impõem às religiões os porquês de isto está acontecendo e as possíveis respostas demonstram a eficiência ou eficácia desta crença para vencer as angústias e incertezas de seus adeptos. A fé no símbolo, a crença arraigada torna o indivíduo em comunidade fortalecido para enfrentar todos os problemas presentes e futuros.

Algumas religiões não conseguem satisfazer ou não respondem às questões da dor, do sofrimento, das catástrofes, das guerras e do mal, logo são preteridas por aquelas que dão respostas eficazes em um processo de força, energia e simbolização, que se fortalecem no emprego de técnicas de marketing e de comunicação, cada vez mais sofisticados quanto simples em sua aplicação por essa eficácia, investindo cada vez mais na massificação da mensagem em que as crenças funcionam como elemento aglutinador e que fortalece a coesão do grupo.

Para Kan (2005), há todo um processo de acumulação da eficácia simbólica que produz o KS (capital simbólico), através de um processo histórico, que fortalece e supre todo o campo religioso com atitudes, práticas, rituais, mito, e imaginário:

La noción de capital simbólico que empleamos está referida a un proceso histórico de aceptación y reconocimiento de la eficacia simbólica de un sistema religioso, que habitualmente es capitalizado por la denominación religiosa, un aparato institucional al cual se le reconoce cierta capacidad de operación legítima sobre el sistema religioso y las estructuras eclesíasticas (KAN, 2005, p.53).⁴

³ As que não retrocedem em seu caminho encaminham-se para seu desaparecimento, suas propostas religiosas não podem enfrentar os novos desafios histórico, embora seja importante esclarecer que, dadas as divisões e os processos de segmentação da sociedade, que poderá acontecer na sociedade a limitação de uma proposta religiosa a um nicho social e sua eficácia simbólica. (KAN, 2005, p.53).

⁴ A noção de capital simbólico que desenvolvemos é referente a um processo histórico de aceitação e reconhecimento da eficácia simbólica de um sistema religioso, que normalmente é capitalizado pela denominação religiosa, um aparelho institucional ao que se reconhece certa capacidade para funcionar de forma legítima sobre o sistema religioso e as estruturas eclesíasticas. (KAN, 2005, p.53).

Neste sentido há, no íntimo dos sistemas religiosos, “tensões” que produzem outros sistemas ou grupos que produzem conversões:

Consideramos que esta tensión denominación- sistema religiosos es un elemento que debemos tener en cuenta para analizar los procesos de conversión religiosa, que puede darse al interior de una misma denominación, como es el caso de los carismáticos católicos o rompiendo lealtades institucionales⁵(KAN,2004,p.53).⁵

Destaca-se nos desafios das crenças e seus símbolos o processo da globalização e como as religiões enfrentam as questões que emergem no panorama mundial, suas aproximações, seus efeitos, discursos e práticas religiosas, o surgimento de inúmeros movimentos com adesões de todas as classes sociais. A multirreligiosidade é um fato mundial, os meios de comunicação transmitem todas as horas as mensagens religiosas de diversos grupos, a sociedade está cada vez mais plural em sua religiosidade. Enquanto às religiões mais tradicionais procuram recompor-se, outros movimentos iniciam e se espalham na era global em todos os quadrantes do planeta. A informação interliga todos numa teia gigantesca de multiplicidade de idéias e símbolos religiosos.

O local em cada sociedade sente a influência do global, no pensamento, nas estratégias, na comunicação de suas crenças e valores. Manter a eficácia simbólica de suas crenças requer dos líderes religiosos reinvenções, reestruturação das práticas, diante dos apelos e inquietações dos fieis e daqueles que estão longe dos cultos, os que precisam serem conquistados.

As religiões globalizadas utilizam-se das mais variadas formas de conquistar adeptos, o marketing religioso, processos de comunicação, que através de uma linguagem acessível apreenda os anseios de praticamente todas as classes sociais e quando o adepto está nesse sistema religioso o tempo gasto na instituição religiosa é muito importante, porque as energias humanas, então despendidas, fortalecem a crença através da eficácia simbólica.

Destaca-se assim: “[...] símbolo é tudo aquilo que represente alguma idéia ou possa gerar alguma significância, através de sua dimensão simbólica”. “[...] o rito é

⁵ Consideramos que as tensões nos sistemas religiosos é um elemento que devemos levar em conta para analisar os processos de conversão religiosa, que podem dar-se no interior de uma mesma denominação, como é o caso dos carismáticos católicos, rompendo a lealdade institucional.(KAN.2005.p.53).

uma linguagem simbólica eficaz à medida que atua sobre a realidade social” (STERN). Neste contexto, os praticantes das religiões assimilam as ações dos ritos e os relatos dos mitos e daí provem a eficácia simbólica que acontece dentro da repetição ritualística, das narrativas, das festas. A dedicação dos seguidores das religiões às práticas, implica uma maior participação e como consequência a introjeção dos mitos e crenças, tornando-os seguros, fortalecidos em suas atitudes.

Nesse raciocínio permanência no sistema simbólico se dá pelo alcance de seus projetos pessoais, em comum, o viver em comunidade que lhes oferece identidade, amizade, participação e também prosperidade.

Segundo Lipton: “As crenças são contagiosas! Vivemos hoje em uma cultura em que as pessoas acreditam que os antidepressivos funcionam. Por isso eles funcionam” (2000, p.168).

Essa afirmação é de um biólogo que estuda o ambiente familiar e social, como fator de predominância dos fatores, emocionais, psíquicos, que predominam ante o código genético. Lipton tem a curiosa história de professor universitário americano que deixa tudo ao seu redor e parte para o Caribe, onde começa ensinar a superação, ante as dificuldades de seus alunos que não tinham condições nenhuma como ele mesmo diz, de estudar nos Estados Unidos. Elabora a tese de que “somos o que acreditamos, nós somos nossas crenças” Prefiro chamar de “efeito-crença” para enfatizar que nossas percepções, sejam elas precisas ou não, têm grande impacto sobre o nosso comportamento” (LIPTON, 2007, p.163). O efeito-crença para ele atua não só na saúde: “Nossas crenças positivas e negativas tem impacto não apenas sobre nossa saúde como também sobre outros aspectos de nossa vida.”(LIPTON, 2007, p.170)

Enquanto pesquisas expõem os genes com todas as informações sobre o ser humano, Lipton afirma: “Não são nossos genes, mas sim nossas crenças que controlam nossa vida há homens de pouca fé! (Idem, p.170). O que podemos refletir sobre o poder da crença? “Quando reconhecemos o poder de nossas crenças descobrimos a chave da liberdade. Não podemos modificar os nossos códigos de programação genética, mas podemos modificar nossa mente” (Ibidem) E vai mais além ao afirmar que:

Posso afirmar categoricamente que a ciência me levou a espiritualidade, pois as descobertas da física e do mundo das células mostram cada vez mais a existência de um elo entre ciências e espiritualidade duas áreas complementares distintos desde à época de Descartes, há alguns séculos. Mas tenho certeza de que quando as duas forem novamente reunidas teremos um mundo muito melhor” (LIPTON, 2007, P. 221-222).

Esse é o ponto de vista do autor, que procurou pontes para os dois saberes, enquanto outros, vêem obstáculos intransponíveis. No mundo de incertezas a quem apelar? à ciência ou a religião? A eficácia da crença na ciência e na religião, como sistema simbólicos, continuam em discussão, porém novos paradigmas se apresentam para aprofundar essas questões, com destaque para a contribuição de Edgar Morin ao analisar o processo de racionalização e racionalidade. “A razão que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade, a vida é irracional”. “É preciso levar em conta o mito, o amor, a mágoa, que devem ser considerados racionalmente” (MORIN, 2007, p.157).

Uma nova racionalidade, uma nova abordagem em relação à razão e a racionalidade e as relações com o campo religioso se faz necessário para os desafios da contemporaneidade:

Tornar-se consciente disso nos convida a romper com a ilusão, propriamente ocidental, de crer-se proprietário da racionalidade, e com o hábito de julgar toda cultura pela medida de suas performances tecnológicas. Em toda sociedade, mesmo arcaica, juntamente com mitos, magia, religião, há presença de racionalidade na confecção de instrumentos, na tática de caça, nos conhecimentos das plantas, dos animais, do terreno. Em nossas sociedades modernas, há também presença de mitos, de magia, de religião, inclusive um mito providencial que se camufla sob o nome de razão, e inclusive uma religião de progresso. (Idem.p,158)

As sociedades contemporâneas acreditam em mitos, tanto quanto as sociedades humanas anteriores, com suas complexas religiões e filosofias. A sociedade egípcia, o tamanho de um copo de cerveja, o formato de uma pirâmide a construção de navios, os combates, os jogos eram vistos como símbolos das atividades divinas(GADALLA, 2005,p.22.)

No Egito não havia divisão ciência e religião: “No Egito, o que chamamos de religião,era amplamente reconhecido que nem mesmo necessitava de um nome.Para eles não havia diferença palpáveis entre o sagrado e o mundano.”(GADALLA, 2005.p.22)

CAPÍTULO 2- O OFÍCIO DO HISTORIADOR: DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI

A história dos séculos XX e XXI encontra-se inacabada, em construção. Observadas as mudanças intensas no nosso planeta, encontram-se os diagnósticos, as previsões e as crises da história no século XX, deixando as portas do século XXI abertas para reflexões, sentidos e contra-sensos, de quem ainda procura o restabelecimento e novos desafios encontrados. A erudição do século XIX, as meta-narrativas do positivismo e do marxismo, as questões deixadas pela Escola dos Annales e as conseqüentes temáticas levantadas em muitas direções levam a novas experiências e contatos e até mesmo a diálogos em torno de método, interdisciplinaridade, com outras ciências sociais, humanas e ciências da natureza.

A historiografia, em princípio no século XIX, aponta para uma história objetivista de Ranke (HISTÓRIA A DEBATE, 2008, p.1), mergulhado no positivismo, em que as ciências sociais tinham a necessidade de se tornarem objetivas e com um objeto definido, com poucos ou nenhum traço de subjetividade, tornando a pesquisa histórica oficial, cuja documentação era retirada das instituições públicas. Com isto o que era produzido por outras fontes não tinha a possibilidade de constituir-se como papel de conhecimento histórico por ser desprovido de rito oficial, de neutralidade, característica fundamental para a sua validade objetiva.

No entanto, a erudição dessa historiografia criou uma gama gigantesca de informações, uma linguagem erudita, que em hipótese alguma pode ser desprezada, mas sim, revisitada com outros olhares na permanente busca da investigação histórica.

Nesse processo de construção permanente, a história abre espaços para novas e inovadoras concepções de si, da maneira de pensar, fazer, interpretar e narrar. Escolas se sucedem, investigadores desenvolvem novas abordagens gerando divergências e entre rupturas e permanências ocorrem os debates calorosos:

Um dos aspectos positivos, do discurso, ou das leituras do discurso, do projeto renovação da história da primeira metade do século XX foi apresentar-se em contraposição com as correntes anteriores em especial a positivista: um discurso de rupturas em

contradição com uma prática que se por continuidades (HISTÓRIA A DEBATE, 2008, p.1)

Ainda fazendo essa caminhada pelo século XX, na segunda metade destacam-se a geração de 1968 a perspectiva política, ideológica em que se assentavam as tendências de interpretação, reflexão e epistemologia predominantes nos centros acadêmicos, mais precisamente na Europa:

Esta esteve na Europa, uma sólida esquerda marxista ou marxizante e, no segundo pós-guerra, acreditou sucessivamente em Sartre, na China maoísta, no eurocomunismo, desiludindo-se cada vez mais. De portadores de esperanças transformadoras, do social num sentido abrangente, a geração em questão passou a apoiar movimentos parciais e reivindicação: feminismo, regionalismo, Movimento gay, ecologismo, movimento negro (CARDOSO, 2008, p. 5)

A tendência historiográfica, que se segue, procura dar voz a esses sujeitos sociais, caracterizando não mais a história geral com ênfase no aspecto político e econômico de caráter oficial. Assim, a história das mentalidades e do imaginário constroem a fragmentação dos temas mais gerais, privilegiam agora os sujeitos em seus aspectos individuais, culturais, suas manifestações de uma macro-história para uma micro-história.

Enfatiza Ciro F. Cardoso (IBDEM): “Marxismo, existencialismo e a fenomenologia haviam sido combinados na França por Sartre e Merleau-Ponty, em receitas, que contam com pitadas de freudismo”; estruturando uma visão de mundo eclética compartilhada pelo movimento estudantil da época. A religião era encarada como fonte de alienação, lugar da ilusão, da exploração, do controle sobre o sujeito,

Conforme predominasse alguns ingredientes da síntese, a alienação resulta, seja do capitalismo, seja do naturalismo científico dominante no pensamento ocidental, seja ainda de costumes repressivos, ou da vida social massificada e burocratizada “para não mencionar às vezes, a indicação da religião como elemento alienante”. A libertação pode ser vista como reconstrução da vida social, da cultura (IBDEM).

A prática do historiador esta alicerçada em relatar e intervir, investigar e contar: “fazer história e contar história” (RAVEL, 1999, p.3, HISTÓRIA A DEBATE) Nesse contexto surge o pensamento da pós-modernidade que se refere à crise dos valores e crenças, assim negavam (ou negam) a possibilidade de uma meta-linguagem, um meta-discurso. Fazendo uma crítica à teoria única que explicasse tudo, os pós-modernos

afirmavam não existir um centro, do qual tudo emanasse, pois acreditam os pós-modernos que existe é uma fragmentação global incapaz de ser explicada ou compreendida, por uma metanarrativa.

Nesse ínterim, podemos perceber que: Seriam histórias e não história, daí vindo a possibilidade de pensar temas na história fora de um contexto mundial, planetário. Cardoso contribui com essa discussão afirmando que:

Daí o que alguns chamam de “atitudes pós-moderna”, caracterizado pela “morte dos centros” e pela incredulidade em relação as metanarrativa. O primeiro ponto aplicado a história, leva a afirmar que os pretensos centros, em outras palavras, lugares onde se fala a partir dos quais se afirmam as diversas posturas diante da história disciplina, não são legítimos nem naturais, mas sim ficções arbitrárias e passageiras, articuladoras de interesse hoje percebidos como relativos a grupos limitados, não podendo falar em nome de uma sociedade inteira e menos ainda da humanidade (CARDOSO, 2008, p.6)

A pós-modernidade propõe a fragmentação e afirma a total impossibilidade de teorias globais. Então, como encarar eventos localizados e suas repercussões regional, continental, global? Cardoso (2008, p. 7) faz uma crítica pertinente à pós-modernidade quando observa seus temas preferenciais:

As próprias questões caras aos “pós-modernos” – devastação da natureza, perigo do emprego de energia nuclear, aperfeiçoamento das técnicas de opressão ao indivíduo ou de alguma modalidade específica de indivíduos (mulheres, negros, minorias diversas) não podem sem frustração permanente, enfrentar-se sem visões e estratégias globais do social.

A questão é como solucionar ou equacionar temas fragmentados com as teorias gerais ou globais da história. Este seria um dos desafios do historiador e da história em construção:

O fracasso da “história total” dos anos 60 e 70 abriu caminho para uma fragmentação de temas, métodos e escolas, acompanhada do crescimento e do caos epistemológico, que parecem deter-se nos anos 90 e que resulta cada vez mais anacrônico no mundo de hoje, baseado na inter-relação e na comunicação verbal (REVISTA HISTÓRIA A DEBATE, 2008, p.3)

A história revisitando a sua própria história à procura de caminhos para a sua conexão com as intensas e velozes transformações contemporâneas perde a análise e a

perspectiva para o futuro dar um passo para sua posição como conhecimento socialmente válido.

Entre temas e métodos, a história como ciência não percebeu as redes de atuações de indivíduos e sociedades, nesta construção, isto passou despercebido. Para alguns há alternativas: “A nossa alternativa é avançar na prática historiográfica, com novas formas de Globalidade que façam convergir na investigação histórico diferentes espaços, Gêneros e níveis de análises (REVISTA HISTÓRIA A DEBATE, 2008, p. 3)

Contemplar a globalidade no campo dos conhecimentos, promover a articulação entre ações, projeções sociais, culturais, simbólicas e do imaginário requerem erudição, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, diálogos com os métodos de outras ciências, humanidades e ciências da natureza.

Tal postura constitui desafios para uma história, que consiga observar, investigar, interpretar as ações individuais, sociais, planetárias, interligações, e não apenas fragmentos desconectados da globalidade, caracterizando mudanças, permanências, resistências e acomodações, grupos que interagem nos mais diversos ângulos da realidade. Se a história ocorre na temporalidade, a relação a ser enfrentada no século XXI será o diálogo permanente entre a história revisitada e todo o futuro em aberto.

Nessa perspectiva o ofício do historiador e do docente de história é marcado pela sua importância no contexto social e pela eficácia dos conhecimentos tratados para o que esteja sendo produzido tenha legitimização frente a academia e à sociedade, com inúmeros temas que levem à reflexão e a ampliação do conhecimento. Faz-se necessário que o historiador possua em seu ofício senso-crítico e uma autonomia no desenvolver temas de pesquisa na história sem ser levado por pressões de qualquer ordem político-ideológica; e sempre estar atento para não cair no reprodutivismo que encerra sua pesquisa. Ou seja:

Uma disciplina acadêmica sem tendências, discussão e auto-reflexão está sujeita a pressões extra-acadêmicas, com frequência negativas para o seu desenvolvimento. O compromisso historiográfico consciente faz-nos, portanto, livres em face de terceiros, rompe o isolamento individual, corporativo e local, favorece o reconhecimento público e a utilidade científica e social do

nosso trabalho profissional.”(REVISTA HISTÓRIA A DEBATE, 2008,p.3)

Uma das questões mais delicadas do ofício do historiador é o conflito entre a objetividade e a subjetividade. Afinal este pesquisador tem suas crenças, família e o meio social e acadêmico em que foi formado influenciam seu modo de pensar. Uma vez que esse pesquisador é um sujeito sócio-cultural que interfere na sociedade e é por ela interferido.

Segundo Paul Ricoeur citado por Hubert Watelet: “ o historiador deve esforçar-se para afastar a subjetividade passional e manter-se no plano de todas as possibilidades da subjetividade de pesquisa, de modo que a racionalidade atravessasse o coração do sentimento e da objetividade”(REVISTA HISTÓRIA A DEBATE, 2008, p. 3)

Assim admite-se que o historiador na construção e produção do conhecimento pode interferir na percepção social e cultural. A sua atuação como pesquisador ocorre na esfera pública, colaborando com o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para compreensão das sociedades e seus equipamentos artísticos, culturais, religiosos, seus bens materiais e imateriais ao alcance de toda a população e sua valorização como patrimônio comum a todos. Essa atuação tem um efeito educacional significativo, por trazer a compreensão da cidadania.

Nesse contexto, compreende-se que há sempre a possibilidade do historiador, com sua atuação, interferir em muitos momentos da e na realidade social. Sua atuação no campo social pode mudar políticas públicas; desenvolver novos conhecimentos, o que fortalece a sua importância no contexto acadêmico e social em que se encontra.

2.1 – O Historiador no Campo Religioso

O historiador elege seu tema diante de seus questionamentos e o que pretende contribuir para o conhecimento e prática social. Destaca-se o historiador religioso e os vários sistemas religiosos além de sua relação com a sociedade e a cultura. Sendo assim

o campo religioso é ou não privilégio das religiões? Sanchis(1995) ressalta aspectos da estruturação desse campo, destacando que:

[...] por outro lado, um campo religioso constrói-se e reconstrói-se constantemente nas reações entremeadas das instituições, dos grupos quase-grupos e indivíduos, diante dos acontecimentos. Neste sentido, é a sua atual dinâmica que é decisiva. Mais tais atores não estão soltos no espaço-tempo: suas relações, já criadas na e pela história, tendem a pré-moldar hoje suas reações. E quanto aos acontecimentos, eles não emergem num vazio de fatos, de traços e lembranças de fatos, de produtos de fatos interiores (1995,p.81).

O campo religioso está aberto à investigação da história, ao exercício do historiador-professor e ao professor-historiador para adentrarem nesse campo com os olhares minuciosos da pesquisa ao mesmo tempo dos detalhes e do conjunto. Hoje, a multireligiosidade é um fato com causas e efeitos globais, pelos mais diversos meios de comunicação desde o dia-a-dia nas igrejas e templos, com discursos para todas as classes e de todas as sociedades, até sua veiculação pelas mídias, destacando-se rádio, televisão e a as redes contidas na internet.

No século XIX e XX, o historiador esteve presente na sociedade diante de gabinetes, extensas bibliotecas, debruçado sobre documentos e arquivos oficiais, desafiando a poeira dos livros e do tempo. A conjugação de conhecimento e valores éticos os tornavam homens dotados de uma grande dedicação para investigar inúmeras informações e delas produzirem conhecimento.

Estes pesquisadores possuíam uma educação a partir dos clássicos, com acesso direto a obras em latim e grego. Isso os tornava intérpretes de vulto quando conseguiam atingir pontos mais estratégicos da ciência positivista.

O historiador no campo religioso tem amplas possibilidades para desenvolver pesquisas em torno da religião, da religiosidade e como isto repercute na sociedade e na cultura de um povo, de um época, os ritos, festas, o início das tradições e sua manutenção como algo que produz identidade. Este profissional pode articular sua pesquisa com outras ciências sociais.

2.2 – O Historiador e sua Identidade

O historiador do século XIX e início do XX está inserido num tipo, que por identidade e erudição, conhecimento profundo dos clássicos, dos temas em voga nas áreas da economia, na política, desafiavam a memória, citando documentos, ações, datas, personagens, comportamentos, e práticas da sociedade e povos. Conheci(AM) as épocas e os períodos históricos convencionados, deles observando, com profundidade, os detalhes e os fatos mais marcantes e as conseqüências duradouras, também pontuando as mudanças mais sutis, destacando como era a prática política, o papel do político e os vultos históricos destacados, caracterizando a prática historiográfica positivista.

Assim, a produção dessa identidade, tipo-historiador, estava ligada ao homem de gabinete, bibliotecas, departamentos públicos, arquivos, ao encontro das fontes escritas em que ia construindo, até certo ponto, os acontecimentos pela ótica oficial. Sua palavra era reconhecida, confirmada, valorizada, por sua dedicação e empenho para alcançar a verdade, retirada dos fatos contidos nestes documentos.

Um homem de letras, em geral, próximo do escritor ou do literato com uma diferença: enquanto o primeiro criava personagens e situações, o historiador tinha os documentos que expunha as práticas, decisões dos sujeitos, com quadros bem detalhados da estatísticas econômicas e os bastidores da política palaciana.

Tudo isso representa a imagem ou tipo, austero, compenetrado, intelectual com profundos traços de humanismo, com destaque para a racionalidade e os valores éticos, a profissão por vocação, o que para os dias atuais soa como ingenuidade, ou comprometimento com os domínios das elites. Este tipo ideal é um homem de erudição na língua pátria, domina e conhece os autores clássicos, Heródoto, Tucídides, Platão, Aristóteles, Tácito, entre outros.

A questão é: quem são os herdeiros da história do século XIX e primeira metade do século XX? O que aconteceu com os herdeiros da geração da primeira metade do século XX? Muitas mudanças ocorreram e o que aconteceu com esses herdeiros? O que

aconteceu a partir dos anos 60, com a produção historiográfica na academia? Houve rupturas e novos enfoques? Quem é o tipo-historiador, pós-60 ou 70 no mundo e no Brasil? Como se deu ou se dá essa invenção ?

Enquanto o historiador erudito estava envolto em algo sólido, quase monolítico, o que se viu posteriormente foi uma fragmentação em meio às buscas em que estariam a história e as narrativas em esquemas e modos de produções, procurando a história pelos mais diversos olhares; a geração seguinte, filha da geração anterior atomiza o conhecimento historiográfico em temas dos mais variados, e agora o especialista toma conhecimento especificamente de um ângulo da realidade sem relação com os outros. Isso criou historiadores capazes de aprofundarem em um aspecto da realidade, e com dificuldades em relação aos outros aspectos. Colocando a história na berlinda do que diz respeito ao seu alcance e finalidade

Houve avanços e decréscimos na produção historiográfica, ocorreu um processo de interdisciplinaridade com a sociologia e a antropologia que em seus trabalhos, contribuiu no aspecto metodológico, ampliando os campos de atuação. E o que nos lembra Burke:

A história cultural foi a arena em que se desenvolveram algumas das discussões mais estimulantes e esclarecedoras sobre o método histórico. Ao mesmo tempo, os historiadores culturais e também os historiadores sociais vem ampliando o território da profissão, além de o território da profissão, além de tornar o assunto mais acessível para um público mais amplo (BURKE.2005.p.163).

Peter Burke em seu livro sobre a Nova História Cultural (2005), coloca a história entre a história social e história cultural, de certa maneira, fazendo aproximações. Seria essa junção história social e história cultural, alternativas para os desafios da história do século XXI? Diz ainda o autor, mais especificamente, à prática religiosa “ há muito vem sendo preocupação dos historiadores da religião”. E cita como exemplo: a meditação e a peregrinação. “ Sob a influência de antropólogos como Victor Turner (apud Burke, 2005, p.52-53) as peregrinações têm sido estudados como rituais de iniciação e como fenômenos liminares” (Idem. p.80). Ainda com este historiador: “ Práticas são um dos paradigmas da Nova História Cultural (NHC): a história das práticas religiosas e não da

teologia, a história da fala e não da lingüística, a história do experimento e não da teoria científica” (Burke, 2005, p, 78).

Essa abordagem favorece a abordagem da religião e religiosidade no aspecto da crença, dos ritos, dos mitos, símbolos e imagens? É uma das alternativas para estudos e pesquisas que tem como tema às práticas, religiosas e seus significados?

Os desafios para o historiador no século XXI passa por sua formação acadêmica, sua vocação e a questão pública de sua atuação. Pelos valores éticos que defende. Entre a erudição e a especialização, como marcas do historiador de tempos atrás constrói-se o novo historiador. As novas redes de comunicação propiciam ao historiador um amplo caminho para as investigações e contatos com outros pesquisadores de outras áreas.

utilizar Internet como meio democrático e alternativo de comunicação, publicação e difusão de propostas e investigações; observar a evolução da história imediata, sem cair no presentismo, para captar as necessidades historiográficas, presentes e futuras, da sociedade civil local e global.(MANIFESTO HISTÓRIA A DEBATE, 2008,p.4)

Outro desafio a ser superado é a visão da história como tribunal do passado, como se esta tivesse olhos, apenas para o que passou. Questão ressaltada por inúmeros historiadores, como o Professor Doutor Luís Miguel Duarte2006(www.h-debate.com/Spanish/presentaciones/lugares/portugal/resumen.htm). O relativismo de valores é outro desafio a ser encarado, a questão dos valores na história, a ética, a conduta do historiador como profissional e o zelo por sua profissão (DUARTE, 2006).

A questão é bastante complexa, pois envolve um olhar mais amplo, tendo em vista, as inúmeras questões que estão postas; paradigmas, conceitos, novas aproximações com outros campos do saber. A história e o ofício do historiador, envolvem mudanças no campo do conhecimento e dos valores.

Estamos num processo histórico de uma nova maneira de fazer a historiografia construindo e revisitando o próprio passado do fazer histórico, com um olhar aos desafios do presente e do futuro. Questões atuais, problemáticas as mais diversas estão

em pauta. Este trabalho destaca a religião como temática de estudo, e sua relação com a história, a cultura, a sociedade, a política e o imaginário.

As abordagens sobre o tema religião, tem um percurso ainda pequeno, mas o grau de importância se observa pelo grau de envolvimento com outras demandas da sociedade, como a política, a economia, as artes.

2.3. Profissão Historiador

O historiador pode ser tipificado entre aqueles envolvidos com o mercado, produzindo para este mercado, nas instituições privadas, desenvolvendo pesquisas para estas instituições.

A história empresarial é uma etapa na produção do conhecimento histórico, assim como espaço novo dentro do próprio capitalismo.

Assim o historiador presta consultoria nas empresas, desenvolve um trabalho de pesquisa, que envolve memória do patrimônio, das idéias. Nos relatos dos patrões, funcionários e clientes, busca subsídios para a sua narrativa. Com isso o historiador livre das amarras ideológicas da academia e seus pares, produz a história das instituições privadas.

Neste panorama destaca-se alguns pontos para questionamentos, como, quando e como fazer para o mercado? Para o consumo? Como produzir o conhecimento histórico, sem perder as características de independência e liberdade de expressão, quando encontrar dados, interesses contrários ao objetivo da empresa? Como superar o pagamento para uma história privada e oficial?

Ao mesmo tempo onde se encontram os historiadores formados pelas universidades? Estão em sua maior parte não tem ocupação no mundo do trabalho, a não ser quando estão em sala de aula ou em alguns poucos institutos de patrimônio histórico.

Entre a formação e o efetivo emprego, existe uma distância muito grande, então hoje se abriu um espaço, onde os historiadores criam empresas de consultoria histórica,

que trabalha na produção de biografias ou história empresarial, como também no escrito de roteiros de filmes, teatro, novelas e etc.

Esse quadro exposto, mostra o enquadramento de alguns historiadores no sistema de mercado, para o consumo, de uma história que colabora com o marketing, a produção de uma imagem e de um produto de troca e venda, bem ao gosto do capitalismo.

O historiador que desenvolve sua profissão em meio ao fazer histórico, de escrever a história, questionar tudo dentro do sistema capitalista, o estado e seus aparelhos ideológicos e de poder, o mercado e suas leis.

Este profissional observa e estuda as permanências das redes de poder, na manutenção do domínio, na inalterada situação social, da manobra das elites para si perpetuar no poder, no domínio sobre a classe trabalhadora.

O seu trabalho acadêmico atende um rigor teórico-metodológico para a produção do conhecimento, tem alcance para os seus pares, como tem profundo interesse que as classes trabalhadoras tenham acesso a essa produção.

Com o conhecimento vem toda a práxis deste profissional, voltada para as alterações das permanências nas instituições políticas e públicas para subverter a exploração da mão de obra dos trabalhadores.

Este tipo a se destacar é do historiador engajado, acadêmico, de esquerda, o militante. Estes historiadores estão ligados ao pensamento e a prática de esquerda, contrários ao sistema capitalista, ao mercado a reprodução através da educação de um modelo reprodutivista de uma sociedade de consumo e de exploração. Este modelo reproduz a ideologia dominante, para que os trabalhadores estejam satisfeitos com seu lugar na sociedade, o de produzir a riqueza e não poder usufruir dela.

O profissional desta característica é um militante que luta para que os trabalhadores tenham uma atuação política para atingirem o poder e construam as mudanças necessárias a uma sociedade sem exploração e miséria da classe operária.

São filiados a partidos de esquerda, em geral materialistas e ateus. Encontram-se em sindicatos e partidos de esquerda, estimulando a participação política dos

trabalhadores em cargos públicos onde defenderiam a categoria dos trabalhadores e do povo em geral.

Movidos por inquietações políticas, sociais, econômicas e ideológicas, acreditam na luta pela superação da condição de subalternidade das classes populares, na zona rural e na zona urbana. Superando as aflitivas situações de pobreza, violência, que vivem submetidos em uma sociedade injusta e de um modelo econômico excludente, deixando a margem milhões de pessoas, sem oportunidades, entregues a uma sorte cruel e desafiadora.

Lutam estes profissionais por uma sociedade justa, são idealistas com um pé na realidade, animam-se por uma sociedade justa e igualitária, na medida em que observam o quanto isto esta distante, mas não inalcançável.

Ainda se tratando de historiador, destaca-se aqui a contribuição do cinema que seu discurso fílmico também trata em relatar as nuances do subjetividade dos homens e mulheres e a realidade que ocorre no filme, O Declínio do Império Americano:



Figura.1.O Declínio do Império Americano

Fonte: [HTTP://ssl-w03dnn0206webseguro.com/apod](http://ssl-w03dnn0206webseguro.com/apod)

Os professores de História Rémy, Pierre, Claude e Alain preparam um saboroso jantar no campo, às margens do lago canadense Memphremagog. Na cidade, as amigas Dominique, Louise, Diane e Danielle fazem exercícios de musculação. Sob o suave outono, os intelectuais vislumbram o declínio quase invisível de um grande

império. Desprezo pelas instituições, decadência das elites e queda da natalidade são sinais crepusculares. Tanto no clube do Bolinha quanto no da Luluzinha só se fala de sexo. Os homens falam das mulheres e as mulheres dos homens.(Sinopse do filme)

O filme tem esse aspecto de trabalhar, a possibilidade da queda dos EUA, porém, em meio a essa constatação, de suas análises, se pergunta onde está aí o papel do historiador, onde ele se encontra nessa perspectiva?

Os historiadores estão preocupados com seus desempenhos sexuais, com vagas reflexões sobre a história. Os seus comportamentos em relação ao sexo marca o relativismo moral, descolados de qualquer questão religiosa, não se vê essa preocupação, o que implica num descolamento em relação à perspectiva religiosa na relação com a história.

O historiador é percebido como um indivíduo, onde predomina o relativismo moral, onde tudo é permitido. Onde as questões morais são relegadas a um segundo plano, prática da pós-modernidade. É o que aborda o filme” As Invasões Bárbaras” que a continuação do filme anterior com a maioria dos personagens acrescentando-se outros.

Tem na figura de um historiador em volta com morte, num hospital e então iniciam os diálogos. Daí, é apresentado um o historiador ateu, no leito de hospital, reclamando da irmã, de todo o cristianismo, da instituição igreja e seus inúmeros erros, que levou a situação atual, no seu ponto de vista. O que faz refletir sobre a postura do sujeito diante da morte.



Figura.2. As Invasões Bárbaras

Fonte: ww.sentiddosart.blogger.com.br

Com dificuldade de aceitar a realidade da morte e arrependido por seu passado, Remy (Remy Girard) tenta encontrar a paz em seus últimos momentos de vida. Seu filho ausente, Sébastien (Sthephane Rousseau), está lá para tentar confortá-lo; sua ex-mulher, ex-amante e velhos amigos também acompanham nesse momento definitivo da vida.(Resenha do Filme).

Os valores da religião são expostos de forma crítica, a excessiva moralização no decorrer de dois milênios. A imagem predominante de um Deus punitivo. Afirma também ao analisar o filme:

É forte a crítica às deformações da equivocada educação religiosa, com a qual concordo inteiramente. Penso mesmo que a obsessão pela moral, guindada, por tanto tempo, ao primeiro plano da formação cristã – como se o controle da sensualidade fosse o primeiro mandamento –, constituiu uma das causas da debandada religiosa que explodiu nas últimas décadas do século 20. O Deus austero – um incontornável olheiro – era mais para ser temido do que para ser amado. Ora, se falta o amor, a seca obediência à lei se torna jugo. acesso em 19 de dezembro de 2008 às 16:04(GARCEZ www.germinaliteratura.com.br/cinema1.htm)

O que se percebe é que em toda película de um lado a postura da religião e as noções morais e de outro o historiador na proximidade da morte, lembrando de seu passado, de sua família, de ex-mulher, de seu filho distante e capitalista, bem sucedido, seus amigos. A que buscar, as lembranças boas, os erros para se pedir perdão? E o que fazer diante da morte, por fim tudo leva a eutanásia do historiador, não era os princípios religiosos cristãos que o levava e os seus familiares e parentes a aceitarem o uso da morte provocada.

Fica claro que no filme, o cristianismo é posto em cheque em seus valores, práticas e soluções morais, e que mesmo tendo sido aluno de seminário católico, o historiador não se afina com a educação religiosa cristã. Para ele o cristianismo não respondeu as questões de espiritualidade, a sociedade marcada pelos valores do cristãos em dois mil anos esta em declínio.

A religião é contestada e os valores morais são postos em cada cena que se segue.

CAPÍTULO 3 - HISTORIADORES DE FÉ

Os historiadores aqui estudados desenvolveram um trabalho em torno da religião, ressaltado nesta pesquisa, que pretendeu entender a trajetória dos dois historiadores no estudo da história e religião, e onde se encontra a contribuição de cada autor para o tema história-religião. Propõe-se também, levantar em que aspectos do estudo destes historiadores, houve avanço na discussão do tema história-religião, e o que eles deixaram como indicadores em torno deste estudo. Neste sentido, analisamos a trajetória no campo científico de dois historiadores, de diferentes sociedade, cultura e linha teórica e suas contribuições para a Academia.

São historiadores que declinaram suas religiões, sendo, portanto temas de seus estudos, pesquisas e trabalhos. Assim como praticantes de suas religiões se empenharam em produzir conhecimento em torno da religião e sua eficácia simbólica.

A contribuição de cada um dos historiadores citados será estudada, com revisão crítica de seus principais trabalhos relativos ao tema religião-história e sua influência na academia.

3.1. Jean Delumeau

Jean Delumeau se considera ligado ao período inicial da Escola dos Annales de Lucien Febvre e Marc Bloch.

O ponto de partida de minha pesquisa foi um artigo de Lucien Febvre de 1952, no qual ele desejava que um dia se escrevesse a história do sentimento de segurança - o que fiz em "Rassurer et Protéger" (1989). Mas eu precisava primeiro escrever uma história do medo. Meus modelos foram Febvre, Marc Bloch e Philippe Ariès, isto é, a primeira Escola dos Annales. Depois disso assumi minha independência para compor uma síntese original que conduz o leitor do medo à esperança, pelo caminho da história. (FOLHA ONLINE DE SÃO PAULO 2003 www.usc.br/edusc/noticias/folha_mais_out2003_pecadomedo.htm DELUMEAU)

Ao se situar como seu ponto de partida a fase clássica dos Annales, Delumeau também se aproxima do imaginário por estar ligado a todo um conjunto de imagens e símbolos cristãos. Os arquétipos encontram-se neste estudo. O historiador traz toda uma

pesquisa sobre a chamada “Pastoral do Medo”, que privilegia, todo o processo de “Culpabilização”.

Delumeau em seu livro “Mil anos de Felicidade”, observa o arquétipo do paraíso, em toda a cristandade, o retorno o Cristo, o milenarismo. Ao pesquisar o medo, trouxe o conjunto de imagens e símbolos cristãos.

O livro *As razões de Minha Fé* (1991) do historiador Jean Delumeau, será motivo de pesquisa deste trabalho por apresentar uma questão das mais atuais; o pesquisador e suas crenças religiosas na academia.

Jean Delumeau nasceu em Nantes, França, em 1923. Firmou-se como historiador com seu livro: *La civilisation de La Renaissance* (1968), premiado pela Academia Francesa. O reconhecimento de seu trabalho culminou com a sua eleição para o Collège de France, em 1975, e a seguir para o Institut de France, a Academia de Ciências do país. Foi professor nas universidades de Rennes (1955-1970), Pantheon Sorbonne (1970-1975) e ocupou a cátedra de História das Mentalidades Religiosas no Ocidente Moderno na Sorbone- Paris (1975-1994).

Hoje o medo maior é do próprio homem. Violência, preconceitos, racismos, intolerâncias, conjugam-se para construir essa realidade. A cultura do medo no ocidente, marcada por guerras e gerações ambientadas em clima de terror e de extrema violência. Os efeitos destes pensamentos e doutrinas produziram seus efeitos nos países pobres, onde a fome, a miséria, e os regimes ditatoriais dominam estes cenários, corroendo o tecido social, avolumando as cenas de horror e brutalidade. Um mundo comandando pela insegurança, o medo desumaniza.

Entre o medo e a esperança, as religiões oferecem segurança. As crenças tornam-se cada vez mais fortes, nos dias de medo e desespero. A eficácia das crenças invade os anseios da sociedade, como forma de encontrar um mundo melhor.

Com base na tradição cristã, Delumeau faz uma investigação da chamada Pastoral do Medo, que implementou idéias que terminaram pressionando a crença no Deus do terror em uma sociedade insegura, ao mesmo tempo observa o milenarismo, a vinda de Cristo para um período de Felicidade ou de mil anos de felicidade.

As crenças continuam a fazer parte do pensamento de Delumeau, quando escreve sobre o a salvação e o paraíso, que são temas de seus estudos em vários de seus livros: “Mas não sonhemos: jamais haverá o paraíso sobre a Terra. Mantenho-me convicto de que o paraíso no qual creio será um “novo céu” e uma “nova terra”, que é posterior á morte” (www.unicamp.br/unicamp/divulgacao/2004/06/04).

Para este historiador há uma crença básica: a de que a Terra não tem e não terá condições de se tornar um mundo sem medo e terror, e acrescenta: “o medo hoje é maior de que no passado. Os perigos são mais poderosos e, de certa forma cotidianos” (www.unicamp.br/unicamp/divulgacao/2004/06/04). Portanto, Delumeau mostra que houve um aumento dos medos, com novas e desastrosas possibilidades de aniquilação planetária.

O historiador de uma cultura tradicionalmente atéia, constrói sua trajetória para investigar o tema do medo, da culpa, do pecado e da esperança na sociedade ocidental, fundamentada no cristianismo. O que se destaca em seu trabalho é como esta sociedade foi e é fundamentada no cristianismo.

Entre o medo e a insegurança, como as religiões respondem as questões angustiantes do momento. As doutrinas e práticas cristãs neste momento de crise de valores, princípios e conduta, como enfrentam estas questões.

Nesta sua investigação encontra-se a percepção do historiador e a formação de uma sociedade ao longo dos séculos e sua importância na formação de uma cultura que influenciou o mundo.

A temática religião e a história encontram-se tão próximos que é muito tênue a linha que separa as duas na história da humanidade. Por isso o destaque para um historiador que é o principal estudioso do medo e do pecado no Ocidente.

O livro *As Razões de Minha Fé* (1991), que será estudado, foi destacado por trazer uma posição pouco conhecida, na tradição intelectual a que o autor pertence. A França tem como predominante a tradição de seus intelectuais serem agnósticos e ateus, o que o autor em questão destoa, por ser católico convicto, professor e historiador religioso, fazendo um percurso em direção a aproximações entre ciência e religião.



Figura.3.Capa do livro As Razões de Minha Fé

Fonte: www.planetanews.com

O livro se desdobra com opiniões de pensadores e cientistas a respeito de Deus, criando um caminho para ele, entre ciência e religião, procurando pontos de contato entre os dois saberes. Nesta obra, Delumeau discute e se posiciona diante de temas como: Teologia da Libertação, ecumenismo, aborto, contracepção.

Nos estudos sobre o cristianismo, Delumeau ressalta a possibilidade de diálogo entre as igrejas cristãs, para que possa surgir um cristianismo unificado. De acordo com Libâneo(p.95))books.google.com.br/books?id=PWTaKn2C0WQC&pg=PA95&lpg=PA95&dq=delumeau+

J. Delumeau sugere um: “ Cristianismo unificado e diverso, aceitando, porém, um Credo fundamental, simples, acessível a todos e cuja formulação poderia ser reexaminada de tempos em tempos.

Assim o historiador acredita que o cristianismo pode se unificar desde que haja um diálogo e como consequência, mudanças na visão das lideranças cristãs de todas as igrejas.

Outro ponto de destaque é a contribuição de Delumeau para a liberdade de expressão das diversas religiões.

O historiador Jean Delumeau em suas pesquisas, destaca a liberdade de expressão e a diversidade das religiões, com especial destaque As grandes religiões do mundo. O homem necessita de ritos, os quais lhe permite penetrar no espaço do sagrado, o qual é pra o homem algo maior que ele próprio.

Ao encontrar nas diversas religiões exemplos de sabedoria, compaixão, sinceridade, humanidade, santidade e humildade, encontra o historiador das religiões um ponto em comum, e defende o diálogo interreligioso, como possível de construir a paz, entre os povos e culturas, os mesmos fundamentos o que para ele poderia levar a uma única religião. Como isso seria possível? As diferenças culturais são bem claras e formam barreiras, essa religião única teria que se vencer as intolerâncias, os medos, as identidades, a memória, até a unidade em vista de quem, de qual ponto de vista? De um pensamento dominante? E quem não tem maioria, as minorias como ficariam?

A opção pela investigação sobre o medo, culpa, pecado, castigo, esperança, salvação, paraíso, demonstra que para Delumeau, a fonte é o cristianismo, para se entender a história, que a mesma se encontra na fonte primordial, o medo, com ele começou a história. Nesta perspectiva, um historiador ocidental cristão, ensaia uma explicação para a proximidade da religião com a história.

O livro em estudo inicia com um convite à reflexão, em meio a um cena descrita com sensibilidade, afeto e carinho, com destaque para a natureza, as crianças suas netas e um avô carinhoso e solícito fazendo desse encontro nas férias uma proposta de trabalho e de análise a respeito do historiador da religião e do religioso católico, expondo seu pensamento ante a ciência, a religião, entre a razão a fé e as crenças.

O autor de início faz um apanhado do que está em sua volta, relata suas férias com as netas, ali observa a cachoeira, as montanhas, animais, flores, o raiar do sol, a beleza de tudo, sua harmonia, o silêncio, a brisa, o mar, a arte. A questão da morte foi posta por uma de suas netas, o que o fez dar explicações a menina. Porém a partir dessas respostas, cogita e trabalha na formatação do livro em questão. Uma questão lhe é fundamental - quem é o autor daquilo que não tem a mão humana?

O professor Delumeau é dedicado também ao cinema. Desenvolve em seu livro um roteiro de filme, onde aparece personagens felizes e realizados dentro das limitações humanas e conclui o passeio pelo imaginário, com um momento no mosteiro, onde um frade recolhido em meditação, esquece da hora e dorme, sendo chamado por um outro frade noviço e este acorda e diz para o companheiro que se compara “ ao cão, na relação senhor-servo” (DELUMEAU,1984.p.15)

Com esse olhar para o exterior de si, desenvolve argumentos para encontrar o autor de tudo que não é do homem, no decorrer de sua obra dialoga com os agnósticos como nesta passagem: “ Um amigo agnóstico: disse que a viva beleza destas flores, por pouco o levava a acreditar na existência de Deus”(DELUMEAU, 1985, p.15-16).

A relação Deus e a natureza, expõe essa mesma natureza agressiva, indiferente às terras, às colheitas, com inundações, frio-calor, como resolver essa questão contundente e primordial, um Deus e o problema do mal? Para ele luz de sua fé, encontra as razões para se explicar.

No que toca a arte, argumenta, como seria suprimir quase dois mil anos de arte, beleza, na sociedade ocidental? Para o autor, o cristianismo produziu nestes vinte séculos um padrão artístico rico denso e profundo, com destaques para as imagens, símbolos, arquétipos, consequência das culturas anteriores, que sofreram uma reinterpretação do pensamento cristão.

Para o historiador, a pesquisa científica é a honra do homem e observa que a liberdade é condição fundamental para que a ciência produza conhecimento e assim diminua a ignorância. A ciência sem nenhum impedimento, a busca pelo conhecimento sem as barreiras teológicas que barraram e até perseguiram quem pensava e produzia conhecimento diferente.

A ciência tem suas limitações. Para Delumeau a ciência não tem argumento final, suas conclusões são marcadas pela provisoriedade. Afirma ainda: “ A ciência não me parece conduzir a negação de Deus, mas convidar o homem a permanecer em seu lugar e, ao mesmo tempo, a se interrogar acerca daquilo que é maior que ele (DELUMEAU, 1991, p.19).

A busca pela transcendência encontra obstáculos no próprio conhecimento, que para o autor é completamente inapto para responder. Delumeau não vê conflito entre ciência e cristianismo:

A ciência deve ir tão longe quanto puder. Os resultados, lidos numa ótica cristã, só podem jogar mais luz sobre a infinita riqueza da criação. Para mim a ciência é um convite a voltar-nos para mensagem

religiosa, procurando saber como ela pode esclarecer os mais diversos mecanismos (1991, p.21).

Assim, o autor não vê rota de colisão entre os dois saberes, ciência e religião e que se encaminham uma para outra. Cita o exemplo do matemático Petru Dumitru: “Devo as ciências exatas o fato de poder rezar. Elas são para mim uma preparação primeiro para a oração” (DELUMEAU, 1991, p.22). Delumeau coloca essa afirmação para demonstrar que não há uma separação entre religião e ciência, porque para ele existe uma lógica, uma razão, um pensamento, diretriz em todo o cosmo, e que o homem precisa integrar, conhecimento e fé, que não se excluem, mas fazem parte de uma lógica maior.

Para este pesquisador, a Revelação de Deus Criador constitui a maior descoberta já feita pela humanidade. Combate quem procura negar a existência de Deus e a relação Criador – Criatura, como os ateus, a exemplo de Sartre, que afirmam: “Pôr Deus é me coisificar” (DELUMEAU, 1991, p.28). Assim a existência de Deus é defendida, porque para ele, negar Deus é negar o homem.

O autor faz uma crítica àqueles que defendem a necessidade de desconstruir o homem, até anulá-lo. Ao contrário, defende que é necessário construí-lo por uma questão de método e a humanização das Ciências Humanas e não a desumanização do homem. Destaca ainda que o homem é o único na natureza equipado e capacitado para aprender e produzir cultura.

Delumeau defende a tese de um “Deus-não poderoso”, que sofre, é humilde, terno e frágil. Desenvolve a questão do mal como mistério, localizando o pecado como fonte de todo mal, assim encarado como incompreensível: “O mal não é simplesmente um defeito, mas uma recusa, uma negação voluntária” (1991, p.54). Deus para o historiador concede a liberdade ao homem, deixando para ele a escolha, este porém se revolta e recusa o amor do Criador, o que demonstra o mal uso da liberdade. Mas acrescenta-se a esse mal produzido pela má escolha, o mal que está além do humano-Satanás - este caracterizado pela sua condição de sedução, que toma conta do homem, ele destaca que “o mal é pessoal e coletivo, o mal de todos, este é múltiplo, é mais forte que o homem” (DELUMEAU, 1991, p.56)

O historiador observa que o perdão é fundamental para a fé cristã, tanto quanto o pecado e a culpa e faz uma revisão crítica da pastoral da culpa:

Mas, por outro lado, para o historiador é evidente que a pastoral da culpa caiu em graves abusos: o que leva a me interrogar sobre a perda do sentido do pecado em nossa civilização. A meu ver as afirmações a este respeito devem ser, por um lado, matizada e por outro, esclarecidas pela história (DELUMEAU, 1991, p. 67).

A chamada culpabilização autoritária, o discurso acusador, na ótica da pedagogia da culpa, então culpabilidade e pecadores, encontram-se como ponto chave para o controle dos fiéis. Mesmo analisando a culpa e o pecado, ele põe destaque para a questão do perdão que é tão difícil, que a civilização ocidental evita utilizar, por ser comprometedor.

È questionar a relação religião-história e o historiador:

Pode o historiador, cujo trabalho é criticar os documentos do passado, deixar-se levar por tais fábulas? Eu sou historiador não estarei caindo na mais desoladora contradição? Não estarei renegando a mim mesmo? Estarei as favas minha vocação e minha razão de ser? (DELUMEAU, 1991, p. 67).

O autor com essas reflexões coloca em xeque a sua condição de historiador, mas reflete que tudo que é real é objeto da ciência, aceita que o mistério existe, aceita a revelação, o que demonstra a presença da crença em seus estudos.

Para ele a ressurreição é a pedra angular da fé, desde que a morte é inevitável e como tal esconde um terrível segredo. Pensar a nossa realidade sem a morte, a não-morte, seria impossível. Por trás existe uma crença no além, não como aqui, mais algo que acontecerá com a ressurreição de todos, afirma o autor, mesmo que para ele não haja nenhuma descrição do além.

Em mais de um momento de suas reflexões ele concorda com seus amigos agnósticos, quando diz que a morte é como um fim, porém, com a ressurreição acredita que vai ressurgir para uma terra livre da morte e do medo.

Defende o historiador que “Deus se fez homem”. Essa é a tese de um Deus, servo, humilde, fraco, que se fez homem para vivenciar essa condição de servidor e de

não estar além da dor, do sofrimento ou mesmo do medo, um Deus que precisou viver com as criaturas e que por isso mesmo tem toda a compreensão da culpa, do pecado e só o seu perdão é capaz de anular tudo isso. Ao se colocar como homem, este projeto divino também é constituído do percurso contrário, a esperança para o homem, o da divinização, esse homem tornar-se deus. Não podendo ser solitário este Deus que se compõem de uma Trindade. Para o cristianismo Deus-solidão, não existe.

O autor critica ainda a postura da Teologia da Satisfação, esta exige do pecador, do culpado, sacrifícios, de preferência sangrentos. Essa pedagogia foi utilizada durante a Idade Média, utilizando-se do medo, da culpa, do pecado, do sacrifício da manifestação em geral, da mortificação do corpo.

A crítica também alcança a forma como são escolhidos os bispos. O poder teocrático que vigora na instituição Igreja, quando o Papa é eleito, permanecendo até a morte; para ele o mesmo deveria ter um mandato definido, com início, meio e fim. Ressalta ainda a importância dos leigos, que estes deveriam ser ouvidos mais, sendo que são a base da Igreja.

Expõe ainda uma posição, que se tem muitas reservas na Igreja, a importância da mulher como sacerdotisa, da total igualdade da mulher ao homem em tudo. Delumeau expõe a necessidade de uma Igreja mais leve e acolhedora, capaz de trazer primordialmente a família e os jovens, para junto de si, já que são elementos centrais na Igreja.

O autor levanta um ponto discutível - a posição eurocêntrica da Igreja - esquecendo-se da singularidade do mundo inteiro, como a América Latina, África, Ásia com suas comunidades, a necessidade de ouvi-las, como uma Igreja mundial.

Neste contexto, Igreja para Delumeau deve ser uma Igreja flexível, tolerante, ecumênica, com a possibilidade da participação dos leigos e das mulheres nas decisões da Igreja, deixando de lado o autoritarismo e deixando para todos os fieis participação e decisão.

Na condição de historiador, este percebe que existe pontos em comum entre as religiões: a compaixão ante o sofrimento, a fé em uma divindade benfazeja, a necessidade de fidelidade, a recusa a mentira, a cólera e a comunhão com natureza.

Historiador, não posso deixar de ser sensível e receptivo a uma concepção de Igreja que enfatize o futuro de um povo em peregrinação rumo à terra. Sua promoção coletiva se realiza na história (DELUMEAU,1991, p.153.).

Sua reflexão encontra no cristianismo o elemento que enfrenta todos os totalitarismo e as ideologias, como o marxismo, o capitalismo. Os cristãos lutam pelos direito dos homens, pela justiça social. É o cristianismo a força da pacificação: “o cristianismo é fundamentalmente um humanismo” (1991. p.154), rejeita todas as formas totalitárias e opressões, rejeita toda a forma de materialismo, com destaque para o marxismo e o capitalismo, defende os direitos sagrados dos trabalhadores, como forma de atuação social da Igreja:

Constatemos pois esta evidência dos nosso tempos; em face dos sistemas políticos e dos modelos econômicos, as Igrejas cristãs não são neutras e silenciosas: podem sê-lo (DELUMEAU, 1991, p. 158).

A Igreja para Delumeau não pode deixar de aproximar-se dos que precisam notoriamente os mais pobres. A Teologia da Libertação e sua luta por justiça social, merecem do autor uma análise. Para ele, a catequese cristã “por muito tempo desumanizou ou se preferirmos, espiritualizou excessivamente a vida e os ensinamentos de Jesus” (1991.p.163). O autor confirma com essa posição sua tese de um Deus que se humanizou.

Crítica na Teologia da Libertação, aqueles que acreditaram no caráter científico do marxismo, em particular o dogma da luta de classes e o reducionismo de Jesus às dimensões de um revolucionário, em uma visão exclusivamente política. Mas vê com bons olhos a Teologia da Libertação e ressalta a necessidade de uma Igreja renovada e arejada.

A família é tematizada pelo autor, que em muitos momentos suas posições não convergem com a Igreja, o mesmo é a favor do planejamento familiar, observa ainda a questão do aborto, da baixa natalidade. A criança e os jovens são vistos dentro da

cultura do autômato, educado pela babá eletrônica, onde ficam expostos a toda uma exposição de informações negativas. Para ele, tornam-se indivíduos desequilibrados, formando o adultocentrismo, seres infelizes que segundo o autor nasceram da liberalização dos costumes.

Ressalta ainda Delumeau, na liberalização dos costumes, fala liberação da mulher e que “ignorá-lo é condenar-se a não ser compreendido: é preservar num autoritarismo masculino que se recusa a ouvir as vozes: é dar razão aquelas que associam rejeição do filho e da mulher” (DELUMEAU, 1991, p.207).

Para superar o medo, o pecado, a morte, o autor defende a esperança, que é a sustentabilidade da crença, sem essa as crenças morreriam e sua eficácia simbólica se fortalece, na procura de um sentido para a vida diante da morte.

3.1.1- Cristianismo em Delumeau

Em todas as obras de Jean Delumeau em que estuda o cristianismo, estão presentes toda as imagens que formam as práticas cristãs. Ressalte-se então o medo, o pecado, a culpa.

O cristianismo e a pedagogia do medo nos finais da Idade Média ao século XVIII, em seus livros sobre o cristianismo como Mil anos de felicidade, a história do paraíso, Delumeau pesquisa o percurso ideológico e das imagens e símbolos que envolvem a idéia de milenarismo e como isso influenciou o pensamento ocidental até ser incorporado pelos leigos, até a noção de progresso.

No trabalho da psicóloga Luciana Oliveira dos Santos na revista@pol.org.br faz essa abordagem do medo como um processo de internalização e de possíveis origens, expondo o estudo de Delumeau

O mecanismo de internalização do medo, portanto, iniciou-se nos primórdios do cristianismo. Como nos mostra Delumeau, a Igreja teve uma grande contribuição nesse sentido quando apresentou o medo do

demônio e do pecado. Segundo ele, “os homens de Igreja apontaram e desmascararam esse adversário dos homens. Levantaram o inventário dos males que ele é capaz de provocar e a lista de seus agentes: os turcos, os judeus, os heréticos, as mulheres (especialmente as feiticeiras). Partiram à procura do Anticristo, anunciaram o Juízo Final, prova certamente terrível, mas que seria ao mesmo tempo o fim do mal sobre a terra. Uma ameaça global de morte viu-se assim segmentada em medos seguramente temíveis, mas ‘nomeados’ e explicados, porque refletidos e aclarados pelos homens de Igreja. Essa enunciação designava perigos e adversários contra os quais o combate era, se não fácil, ao menos possível, com a ajuda da graça de Deus. (Delumeau 1989:32).(revista@pol.org.br)

Aqui destacamos os medos que dominaram os homens, e que contribuíram para a sociedade onde o predomínio dos medos recaiam, em última análise, sobre o poder das mulheres, isto se encontra em toda a construção da “ pedagogia do medo”, que encara a mulher como fonte desse medo, afirma Neide Miele:

Jean Delumeau nos diz que os pesadelos mais íntimos da civilização ocidental neste último milênio foram: o mar, os mortos, as trevas, a fome, a peste, a bruxaria, o apocalipse e, sobretudo, o demônio. Analisando este conjunto, poderíamos reduzi-lo a um único medo: o da mulher, visto que culturalmente ela está relacionada com cada um deles (yesod.sites.uol.com.br/cadernos/edicao1/retorno.htm).

O cristianismo como mensagem de esperança, fala do futuro, da concórdia, afirma Delumeau que diante do totalitarismo, o cristianismo tem uma proposta de paz, de perdão, esperança e não de medo. Contrário a proposta e a pedagogia do medo que predominou durante séculos, destaca a proposta da esperança.

As pesquisas de Delumeau norteiam ainda para o diálogo inter-religioso, já que em sua obra *As Grandes Religiões*, aborda as religiões do ocidente e oriente e encontra pontos comuns. A unificação das igrejas cristãs são destaque em sua pesquisa. Como conclusão destes estudos coloca a possibilidade de uma religião única. Todas as religiões tem pontos em comum; humanidade, humildade, compaixão.

O cristianismo e todo o seu simbolismo é herdeiro de um conjunto de imagens, que se encontra no Velho Testamento, notadamente os símbolos aquáticos. As águas simbolizam a soma universal das virtualidades [...] reservatório de todas as possibilidades de existência, precedem toda a forma e sustentam toda a criação” (ELIADE, 1985, p. 151).

Delumeau ao apreciar a história do cristianismo tem na linha teórica do imaginário uma aproximação com um dos pais fundadores do imaginário o romeno Mircea Eliade. Sua linha de pesquisa influenciada pelos Annales, estuda aspectos históricos do medo.

Do ponto de vista da Teoria do Imaginário, o que constitui a ação do homem a mudar o que está na natureza:

Mas o que leva o ser humano a tanto modificar o que foi feito pela natureza? Certamente seria difícil dar uma explicação baseada na utilidade dessas transformações. Na verdade, por essas ações, o homem está exercendo uma faculdade que lhe é própria: dar sentido ao mundo...Para criar significado,entretanto, ele põe em atividade uma função da mente – a imaginação.(PITTA,2005,p.11)

Aqui o estudo aborda os trabalhos de Delumeau e a Teoria do Imaginário.”O ser humano, assim constituído, atribui significados que vão bem além da funcionalidade dos atos ou objetos. Enfim, nada para o ser humano é insignificante. E dar significado implica entrar no plano do simbólico”.(PITTA, 2005,p.13).

Na exposição de Danielle Pitta, muitos estudiosos eram interessados em torno do simbolizar, do simbólico, mas para a cultura ocidental esses estudos não estavam organizados. Ela afirma que foi:

Modernamente, pode-se considerar que é com o filósofo francês Gaston Bachelard(1884-1962) que tem início um estudo sistemático e interdisciplinar(a partir de diversas disciplinas ou campos de estudo) sobre o símbolo: isso ocorre com a fundação da *Société de Symbolisme* em 1950, em Genebra, que, a partir de 1962, passa a publicar os *Cahiers Internationaux de Symbolisme*.(PITTA,2005,p.13)

Ainda sobre o imaginário, como categoria e tema de pesquisa Pitta, explica:

O imaginário, nessa perspectiva, pode ser considerado como essência do espírito, á medida que o ato de criação(tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser(individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimento, sensibilidade, emoções...), é a raiz de tudo aquilo que, para o homem existe.(PITTA, 2005,p,15).

As ciências humanas com os estudos de Bachelard, segundo Pitta:

com Bachelard, definitivamente as ciências humanas, a visão do homem como se fosse um objeto deixa de ser a mais importante.

Segundo o filósofo a validade do conhecimento é a mesma, seja ele adquirido pela experimentação ou pela poesia. Bachelard demonstrou com sua obra que a organização do mundo_ ou seja, as relações existentes entre os homens e a terra, entre os homens e o universo - não é o resultado de uma série de raciocínios, mas a elaboração de uma função da mente(psíquica) que leva em conta afetos e emoções.(PITTA, 2005,p.16)

Destaca-se ainda a abordagem que é fenomenológica de dois alemães: W Dilthey (1833- 1911) e Husserl(1869-1938), estes no significado da obra ou da significação de um modo geral, estes estabeleceram uma diferença entre um método explicativo e o método compreensivo,” próprio para o estudo do homem, de maneira que o objetivo do estudo é decifrar o sentido próprio de toda a realidade humana, de toda expressão humana da vida e do espírito.(PITTA, 2005.p.16).

O psicanalista Jung afirma Pitta, “que intrigado com o fato de seus clientes relatarem sonhos idênticos a mitos de outras culturas, propões o conceito de “inconsciente coletivo”, memória da experiência da humanidade”. Para este o “mito seria então a organização de imagens universais (arquetípicas) em constelações, em narrações, sob a ação transformadora da situação social- que implica em uma unidade entre o indivíduo, a espécie e o cosmos.

Gilbert Durand em sua teoria vai falar imaginário e não simbolismo, porque segundo Pitta(2005,p.17) “o símbolo seria a maneira de expressar o imaginário”.
Afirma ainda Pitta

“faz-se referência a “sistemas simbólicos” aborda-se então o simbolismo religioso, político etc. Mas para Durand, esses sistemas simbólicos não são independentes, pois decorrem de uma visão e mundo específica, imaginária, que é a própria cultura.(PITTA, 2005,p.17)

O estudo e a compreensão do processo de formação das imagens” é similar, quer se trate de um indivíduo, quer se trate de uma cultura.(PITTA,2005,p.19). Portanto para análise e estudo das obras dos dois historiadores Jean Delumeau e Souto Maior é possível analisá-los a maneira do imaginário.

As estruturas do imaginário combina se é possível assim afirmar: “ São, pois, os schémes, os arquétipos, os símbolos e os mitos que vão, a partir de sua organização, feita por uma cultura, orientar o desenvolvimento dessa cultura.(PITTA, 2005,p.20)

Seguindo este roteiro vai se chegar a enquadramentos e possibilidades dos regimes de imagens, que possibilita a compreensão em torno da temática de estudo e seus desdobramentos, na projeção de análise da história e do fazer história.

Por isso a Teoria do Imaginário está presente em todas as ciências:

O imaginário diz respeito a todas as ciências. Primeiro às ciências humanas: implica, para o Ocidente, em uma *nova pedagogia*(um modo de ensino não mais centrado unicamente na razão); em *outra visão da história*,já que esta se coloca dentro do trajeto antropológico; em *outras dimensões da economia*, que mostra não ser somente resultante de um cálculo racional; em *outra abordagem da geografia*: hoje a geografia humana já leva em conta, por exemplo, a literatura a respeito da área estudada; enfim, as relações com a filosofia, a psicologia, a literatura parecem ser evidentes. Quanto às ciências ditas exatas, a matemática utiliza conceitos, como “ limites” e “ infinito”, entre outros e teorias como as das “ catástrofes”; a física quântica, a química, a biologia há muito já trabalham com conceitos que ultrapassam o puro raciocínio.(PITTA, 2005,p.40)

Com estas considerações, imaginar tem tudo haver com criar: “Enfim, imaginar é criar o mundo, é criar o universo, seja por meio das artes, das ciências, ou por meio dos pequenos atos, profundamente significativos, do cotidiano.”(PITTA, 2005.p. 40). A condição de imaginar é levada em conta na construção da humanidade.

Com o Imaginário, tem-se a análise do percurso ou Trajetória Antropológica de Delumeau, onde ele está ligado quanto aos regimes de imagens diurno e noturno, e os símbolos ligados a cada regime e suas predominâncias.

Com o medo, as imagens e símbolos e arquétipos correspondentes encontram-se nos regimes de imagens diurno e noturno. A professora Danielle Pitta, assim se refere a Símbolos Catamórficos que encontramos no cristianismo:

São aqueles relativos à experiência dolorosa da infância. A queda tem a ver com o medo, a dor, a vertigem, o castigo (Ícaro). Mas a queda freqüentemente é uma queda moral (pelo menos no Ocidente) e tem a ver com a carne, o ventre digestivo e ventre sexual e, daí, com o intestino, o esgoto, o labirinto. Caí-se no abismo, e o abismo pode ser tentação. (PITTA,2005, p. 26)

Portanto na Teoria do Imaginário, ao levantar a questão do medo, Delumeau observa no cristianismo entre outros os símbolos catamórficos relativos a queda, como consequência a culpa, daí a construção ao longo dos séculos da pedagogia do medo.

Ainda com a teoria do imaginário o Trajeto Antropológico é definido:

O trajeto antropológico, ou seja a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social.(DURAND, 2002,p.41)

TRAJETO ANTROPOLÓGICO

Jean Delumeau

	Tempo Linear	Tempo cíclico*
	Vencer*	Harmonizar
	Purificar*	Dialogar*
	Dominar	Integrar*
	Distinguir	Retornar*

Figura.4. Delumeau

Fonte:<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2420.1.shl>

Portanto na Teoria do Imaginário, ao levantar angústia da morte, Delumeau observa no cristianismo entre outros os símbolos catamórficos relativos a queda, como consequência a culpa, daí a construção ao longo dos séculos da pedagogia do medo.

Ainda com a teoria do imaginário o Trajeto Antropológico é definido:

O trajeto antropológico, ou seja a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social.(DURAND, 2002,p.41)

O historiador Jean Delumeau tem a polarização predominante do Trajeto Antropológico do Regime Noturno de Imagens, que são representados pelos verbos: harmonizar, dialogar, integrar, retornar, e também símbolos como a Cruz, O Messias. Mas nesta trajetória também existem os verbos como distinguir, separar, subir, cair e os símbolos como o Batismo, fazem parte do regime diurno de imagens.

O Trajeto Antropológico do historiador Jean Delumeau tem uma linha tênue em que em alguns momentos sobressai um regime sobre o outro, com isto a ênfase nos aspectos ligados ao cristianismo são encontrados nos dois regimes e os seus símbolos como a cruz, o messias, também os anjos, demônios, monstros, animais, cavernas.

Assim como na construção da reflexão em torno da morte os regimes de imagens diurno e noturno:

Esses dois regimes da imagem recobrem três estruturas do imaginário, que dão resposta à questão fundamental do homem: sua mortalidade. Morte e angústia existencial se expressão através das imagens relativas ao tempo.(PITTA,2005,p.23)

No seu trabalho o historiador ressalta ao longo da construção do cristianismo as suas imagens e símbolos que do batismo, salvador, a luta contra o mal, a esperança de vencer a morte através da ressurreição. Com imagens que vai desde o regime diurno ao regime noturno

3.2 Armando Souto Maior

O professor, historiador Armando Souto Maior, nasceu em 1926, na cidade do Recife, poliglota, formado em Direito pela UFPE e em História pela Universidade Católica de Pernambuco(Unicap) em 1948. O professor era pesquisador e empresário. Dirigiu com seu filho a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco(Faupe), criada em 1978. Urante dois anos desenvolveu um trabalho relevante na cidade italiana de Perugia, sobre o povo etrusco. Fundador do curso de Pós-Graduação em História da

Universidade Federal de Pernambuco (1974), foi pro-reitor e orientou mais de 20 dissertações de mestrado e teses de doutorado, na graduação e pós-graduação do curso de história lecionou diversas disciplinas, entre elas história antiga e teoria da história. Escreveu ao longo de seus anos obras como: História Antiga(1959), História Antiga para o 1º ano (1960), História Antiga(1961), História Contemporânea para o 3º ano Colegial (1961) História Medieval e Moderna para o 2º ano Colegial(1962), História do Brasil(1979) O Diabo no Divã e Outros Contos(1991) O Gato Paralelo(1989) como também acontecimento regional com repercussão nacional - Quebra-Quilos.:Lutas Sociais no Outono do Império (1978).

O professor Souto Maior, na abordagem teórica de seus primeiros livros, transita dentro da visão marxista do materialismo dialético. Há que se destacar sua erudição como marca de seu conhecimento historiográfico. O que se aborda nesta pesquisa é sua mudança de visão do agnosticismo para a religiosidade.

Neste trabalho, o seu livro: Antes e Depois de Kardec (2006) é estudado, por que o mesmo era agnóstico e torna-se espírita. O que modificou a crença anterior? Outra crença eficaz e simbólica? Uma mudança do campo simbólico. Este livro foi publicado no mesmo ano de sua morte. Suas palavras já pronunciavam mudança radical:“ Deus é minha explicação existencial... Sinto-me parte de sua eterna existência”(www.esprito.com.br/portalarquivos/fffarias/um-histoiadorhtml.) Na teodicéia espírita Deus é causa primaria de todas as coisas, inteligência suprema.

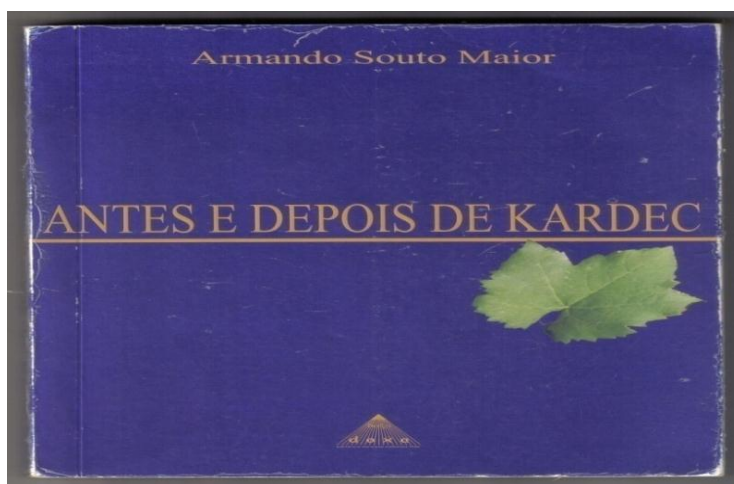


Figura.5.Capa do livro Antes e Depois de Kardec

Fonte: Antes e Depois de Kardec, Souto Maior

O prefácio do livro *Antes e Depois de Kardec* fala de “um a nova ética”: “ Se tenho a capacidade de ver, então estou comprometido”(MAIOR,2006 p.26,). Uma nova capacidade de comprometer e de fazer parte de tudo. Neste mesmo diapasão, fala de um “ novo humanismo”, baseado na reconhecida capacidade humana de superar-se, de transcender, um homem espiritualizado, que faz uma viagem em demanda ao interior, uma nova ordem, que não leva em conta os aparatos institucionais das religiões, com um propósito, de despertar para novas dimensões, do auto-descobrimento, do auto-aprimoramento e o desprendimento dos bens terrenos, um “ novo homem” que terá gratidão pela vida.

O lema espírita é levantado: “ Trabalho, Solidariedade e Tolerância”. O destaque de início é sua mudança de postura em relação à religião e seus princípios.

A princípio destaca-se todo o envolvimento do homem com o transcendente, através da mediunidade, da presença de espíritos dos antigos vivos, que nesta outra dimensão se comunica com os vivos, através dessa ponte e se serve de contatos visuais, olfativos, auditivos, onde se manifesta na vigília e também nos sonhos, em permanente ligação entre dois mundos. Segundo o autor, desde o homem pré-histórico em suas cavernas, com as cenas cotidianas, abriga a idéia e prática comum e natural do contato com o transcendente, um lugar natural e que na posteridade histórica tornou-se lugar incomum, irreal e assim não natural.

Quanto à espiritualidade explica:” O seres humanos pré-históricos a possuíam sem entendê-la bem e a pressentiram apenas através dos sonhos, onde confundiam a realidade e a natureza com a sua própria vivência” (MAIOR,2006 p. 19).

A civilização etrusca é estudada como portadora de crenças no além túmulo, em espíritos que eram denominados de “lasas”. Os romanos influenciados pela cultura etrusca, tornaram essas crenças também na vida de além túmulo e em espíritos que eles chamavam de: lares, manes, penates, espíritos dos antepassados.

Os sonhos na cultura romana também tem seu destaque; o sonho de Cipião Emiliano foi relatado por Cícero, em que este se encontra com o pai e seu avô.

O historiador faz uma distinção entre o culto privado, do culto público e a religião institucionalizada. Para ele é uma constatação de que a religião romana cívica não tinha nenhuma preocupação com a vida de além túmulo, destacando ainda a distância entre o culto público e o culto privado praticado em cada família notadamente as mais ricas.

Souto Maior ressalta ainda a Grécia, citando Platão e Heráclito, o primeiro como fiel representante grego da noção de espiritualidade e o segundo como o que desenvolveu a teoria da evolução; “um dos paradigmas do espiritismo e da ciência contemporânea” (MAIOR,2006,p.33). Observa ainda que nos Diálogos de Platão, encontram-se concepções de vidas sucessivas e registros dos fenômenos mediúnicos.

Na trajetória histórica analisa a Bíblia a partir do Velho Testamento, que em sua concepção, tem uma tradição cultural que elege para si um Deus guerreiro, de domínio, ou seja esse Deus reflete a cultura daquele povo, naquela época e a necessidade de um povo em busca de uma união política e de uma unidade de tradição e cultura.

O Novo Testamento para ele faz parte de uma tradição nova e que o Cristo não disse exatamente o que aparece nos Evangelhos, embora a essência moral se mantenha. Destaca a necessidade de passar os textos evangélicos pelo raciocínio, onde para Souto Maior reside a contribuição espírita, no raciocínio.

O historiador defende a tese de Jesus histórico, e não mito, que em sua época, havia grupos de judeus rivais, e o tecido social marcado por disputas, misérias e a dominação romana e a subjugação dos judeus ao governo de Roma. Surge neste contexto Jesus, que para o estudioso tinha uma mensagem além da sociedade judia. Analisa ainda se Jesus foi ou não essênio, destacando que este grupo foi o primeiro a se opor a escravidão, então Jesus essênio é o que menos importa e sim sua mensagem. Porém encontra-se aqui uma contradição se a mensagem é que importa isso deve ter acontecido em um contexto histórico, cultural?

No estudo que faz de Jesus, coloca o seu não entendimento da Trindade e que Jesus, não é Deus, e para o espiritismo, ele é guia e modelo, o espírito maior que já esteve na Terra. Portanto Souto Maior, faz uma crítica à Trindade, fundamento teológico do cristianismo e de disputas no cristianismo inicial.

A Idade Média é descrita como a Idade da Fé, onde havia um imaginário rico em poderes milagrosos, elixires, poções, relíquias, filtros etc. Esse período para o historiador é marcado pela contradição das pessoas que viviam essas práticas e o discurso da Igreja condenando tais práticas. Há um especial destaque para as mulheres que desde a antiguidade eram dotadas de tais poderes, portanto alvo de perseguição, controle e violência.

Nesse período, as práticas de adivinhações, bruxaria, contato com os demônios, era alvo dos tribunais eclesiásticos, que sob a égide da Igreja eram severamente perseguidos. Aqui se encontra as várias mentalidades, das culturas anteriores ao cristianismo, como práticas milenares, desde o período neolítico, como rituais de plantação e colheita, crença nos poderes demoníacos, pactos com o diabo, o “shabbat” e o “mau olhar” e a cultura cristã, que estava sendo implementada.

Os relatos de milagres e contatos entre vivos e mortos tornou-se lugar comum. Entre esses relatos, informa o historiador as das aparições de fantasmas e almas dos mortos, alguns apareciam pedindo missas, preces e esmolas, que lhes poderiam melhorar sua condição.

O contexto cultural e intelectual europeu estava em efervescência, se falava de tolerância, liberdade política. Os intelectuais franceses contribuíram com essas idéias ao questionar todas as instituições religiosas. Desenvolveram a idéia de religião natural que se opunha aos dogmas da Igreja, diziam que tudo está na natureza, Deus e as leis naturais, concepção conhecida como deísta iluminismo, movimento intelectual que colocava a razão como único caminho para o conhecimento defrontava-se com os princípios teológicos, superstições, mitos, símbolos, desenvolveram a idéia de evolução social e de progresso para a sociedade. Para Souto Maior essas idéias, são pano de fundo e se encontram na intelectualidade francesa e influencia o Espiritismo.

Neste contexto cultural de intensos debates intelectuais quanto de mudanças sociais, políticas em toda Europa, na era napoleônica, inicia os estudos no instituto Yverdon na Suíça, a figura de Hipolite Leon Denizard Rivail, aluno do educador Heinrich Pestalozzi. O jovem Rivail foi influenciado pela pedagogia de Pestalozzi, que tinha por princípios, respeito ao desenvolvimento das crianças e sua individualidade, o

ensino deveria ser gradual, não havia nem castigo ou recompensas em sua instituição, o método educacional era baseado no amor e no conhecimento. A aprendizagem se dava no processo de experimentação, saber e fazer. Esse método ainda possuía um componente a mais - a intuição.

Explica Souto Maior, que com essa bagagem pedagógica o jovem Rivail, leva até a França, o pensamento de Pestalozzi, lutou também por um ensino público e laico. Informa ainda que Rivail tinha a educação como o grande sonho de sua vida e que havia um grande desconhecimento do poder da educação. O historiador destaca que os interesses do professor Rivail eram abrangentes, este entrou em contato com o magnetismo, que estava em voga Europa. O magnetismo era estudado e praticado por Anton Mesmer e divulgado em toda a Europa .

O termo magnetismo já era usado no século XVII por Van Helmont. Era conhecido como "magnetismo animal", mas ganhou foro de doutrina somente com o austríaco Franz Anton Mesmer, que, através de suas memórias impressas, estabeleceu 27 proposições acerca do fenômeno. Ele dizia que os astros agiam sobre nós, outros astros e corpos animados, sendo que esta influência tinha um agente, que era o fluido cósmico universal. Os corpos gozavam de propriedades análogas às do ímã, podendo ser transmitidas para outros corpos animados ou inanimados. Afirmava ainda que a doença era um desequilíbrio deste magnetismo corporal.(<http://rcespiritismo.com.br/>)

Ao entrar com certos fenômenos, o Sr.Rivail, aplica “o método científico positivo” (MAIOR, 2006,p.126).

No decorrer dos estudos e das experimentações surge o primeiro livro: O Livro dos Espíritos (1857). Para Souto Maior, Kardec “completou a codificação do conhecimento humano sobre a espiritualidade, respondendo às perguntas que os homens sempre fizeram: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? (MAIOR,2006, p. 128).

O historiador enfatiza o Kardec educador, que em sua própria casa ministrava curso para os pobres gratuitamente. Acreditava “ que só através da educação os homens atingiriam um estágio sólido de fraternidade, independente de eventuais antagonismo religiosos ou concepções políticas”(MAIOR, 2006,p. 149).

O historiador em sua narrativa, aborda o período revolucionário de 1848. As idéias socialistas são colocadas nas disputas políticas, Saint-Simon, Proudhon e outros destacam-se entre seus pensadores. Neste momento destaca a aproximação do espiritismo com o socialismo, um dos seguidores Leon Denis escreve um livro, Socialismo e Espiritismo, que entre outras situações destaca a sua condição de mineiro na França.

Para Souto Maior existe uma incompatibilidade entre as idéias do materialismo histórico, o espiritismo e a fenomenologia espírita. Para ele o espiritismo encaminha-se com suas idéias para o socialismo humanista:

O espiritismo embora explique certos fenômenos sociais e econômicos, através da lei da reencarnação, tem que ser de certa forma revolucionário, no sentido de reivindicar mudanças na estrutura da sociedade, combatendo a concentração de riqueza e ausência de fraternidade, que no fundo significam simplesmente a manutenção de privilégios.(MAIOR,2006,p.136)

Para o historiador: “Aceitar integralmente o materialismo histórico, significa reduzir toda a evolução da sociedade somente a considerações econômicas e negar todos os outros fatores morais e humanos”.(MAIOR, 2006,p.137).

A análise da atuação do espiritismo como doutrina e movimento revolucionário, expõe a posição de luta e do compromisso do historiador com as mudanças sociais e a construção de uma sociedade justa, livre da exploração de uma classe por outra e de um indivíduo por outro e o fim de todo privilégio de ordem econômica, social ou intelectual. O espiritismo como doutrina e movimento tem a estrutura para tal empreendimento? De que forma o espiritismo poderia construir alternativas a sociedade vigente?

Ainda sobre a reflexão sobre socialismo e religião, Souto Maior destaca a posição de Leon Denis: “Socialismo não são antagônicos”. A questão social é encarada pelo espírita: “A questão social é, acima de tudo uma questão moral.” (2006,p.138). As mudanças sociais também passam pelas religiões.

No contexto social e intelectual Kardec, viveu um período fértil, rico. Explica o historiador que o Sr. Rivail, enxergou nas mesas girantes um algo a mais, visto que elas já existiam antes dos estudos espíritas, o magnetismo era estudado por Anton Mesmer, até os raps e manifestações dos ditos fantasmas, eram conhecidas nos EUA no Brasil e Alemanha.

Aponta Souto Maior que outra influência na obra de Kardec é o positivismo. Através das idéias: moral altruísta, solidariedade, evolução e progresso, que também estão contidos nas obras de Kardec.

O historiador em todo seu relato encara a mediunidade estudada, experimentada e teorizada por Kardec, como uma faculdade humana, observada em todas as épocas da História, desde as cavernas a sociedades contemporâneas, já vista no decorrer deste trabalho. Explica ainda a origem do nome Kardec, adotado pelo Sr. Rivail, sua origem é druida, antiga sociedade de cultura celta que tinham como lugar de suas práticas religiosas as florestas, os bosques, a sombra dos carvalhos, quando da morte de Kardec, foi construído um dólmén, que uma construção de pedra de origem druida.

Relata o historiador que o espiritismo inicial era alvo de ataques, no dizer dele havia um clima de intolerância religiosa, além de serem acusados de charlatanismo, fraude, satanismo:

Sermões, não faltando os que acusavam o Espiritismo de incitação ao comunismo e a divisão de bens, aviltamento das mulheres, ao adultério e ao aborto... não faltaram apelos a justiça e a polícia correcional e até ao Supremo Tribunal (Cour d'Assises) para o enquadramento dos espíritas como falsários. (MAIOR, 2006,p.200).

O historiador ainda coloca que Kardec foi alvo de inúmeros ataques na imprensa, publicou-se que o mesmo cobrava pelas entradas nas sessões espíritas.

Souto Maior em sua análise no espiritismo e do movimento espírita, faz uma crítica ao que ele chama de “espíritas pouco instruídos”, “que por aceitarem a reencarnação, tudo que ocorre na vida já está tudo planejado e previsto no plano espiritual.”(SOUTO MAIOR,2006, p. 205). Explica o desconhecimento do livre - arbítrio e de um certo determinismo não é possível confundir com fatalismo o que para ele demonstra uma limitação de entendimento.

O historiador defende ainda a tese da “evolução consentida”, retirada de uma comunicação psicografada, que o autor espiritual fala de liberdade: “a liberdade do homem também se expressa pela capacidade de errar.” (MAIOR, 2006, p. 205). Para ele as escolhas é que podem adiantar ou retardar o espírito, por isso defende o pensamento e uma evolução não imposta, mas consentida, cada um é responsável pelo que escolheu.

O autor em seu livro tem uma preocupação com o aspecto estético da vida, observa que a arte feita pelo homem expressa suas percepções, na observação da natureza e em si mesmo, que sendo o único ser com capacidade de aprender e de transformar isso com sentido e bastante emoção.

O historiador fala de sua profissão e diante da extrema sensibilidade que o envolve diante das questões que inserem os homens:

O historiador é uma pessoa que de certa forma, carrega sobre os ombros as dores do mundo. Ele vê mais e conseqüentemente, sofre mais do que qualquer outro profissional continuamente como ser humano. (MAIOR, 2006, p. 213).

Para ele, o historiador empreende uma fuga, que passa pelos sofrimentos pessoais, os desencontros com a filosofia e observa que o ateísmo é sedutor em suas propostas e também doloroso: “e ao mesmo tempo libertadores de suas inquições mais profundas, anestesiando-lhe seu choque diante do mundo” (2006, p. 213). Destaca-se então um historiador de postura romântica.

Então, neste tom transparece a sensibilidade e experiência de vida que evocam sua aguda relação com as angústias experimentadas, através das questões ligadas ao ser humano. O encontro com o espiritismo é motivo de uma compreensão da realidade que até aquele momento de sua existência não tinham conseguido responder.

Para o historiador, a fé e a ciência em boa parte da História estão em conflito; com o espiritismo existe um sentido de complementaridade, com o fim do antagonismo entre os dois saberes. Na questão que envolve a ciência e o espiritismo, faz uma crítica a postura do cientificismo: “com o superficial conhecimento do espiritismo, leva sempre ao falacioso raciocínio de que a teoria espírita é demasiadamente bem organizada para corresponder à realidade” (MAIOR, 2006, p. 214).

O historiador em sua avaliação afirma que o espiritismo sofre resistências por parte das religiões, por ter contrariado os interesses dos cleros organizados: “com fortes bases econômicas, antigas tradições religiosas e pautas culturais sedimentadas há séculos e completamente alheias ao conhecimento científico” (MAIOR, 2006,p. 216).

Ao contrariar esses interesses, afirma o historiador, que o espiritismo foi alvo de intolerância da Igreja Católica e das diversas Igrejas Protestantes, por quebrar a ligação única como intermediários entre Deus e os homens.

E acrescenta Souto Maior que a fenomenologia espírita, sofre intensa oposição no contexto da Academia, que está armada do agnosticismo e materialismo e não o observa com a devida atenção que merece esses fenômenos:

Teriam pelo menos em teoria, o dever intelectual de conhecer as diversas faces do espiritualismo e até repudiá-lo se assim quisessem pois independentemente de sua realidade existencial, a crença no espírito é também fenômeno histórico, cultural e sociológico. (MAIOR,2006,p. 220).

O professor Souto Maior explica que os profissionais universitários espíritas “enfrentam ao nível de guerrilha intelectual, os modelos materialistas, sobre os quais muitas Universidade construíram suas estruturas e currículos” (MAIOR,2006, p. 221).

O esforço a que esta obra se dirige por parte do Professor Souto Maior, vai na exposição do espiritismo, com sua história e todos os traços culturais, a possibilidade ser um tema estudado e investigado pela Academia.

O autor destaca ainda a necessidade de desenvolver a história do espiritismo no Brasil, tendo em vista que os fenômenos espíritas aqui em sua evidência, mostram que o Brasil era espírita antes de Kardec e cita o fato de que em 1848, um juiz na cidade de Abrantes na Bahia informava reunião com comunicações de espíritos em uma casa.

No período do império, informa Souto Maior, a Constituição proibia o culto público que não fosse católico:

A Constituição do Império proibia qualquer culto público que não o católico e assim o espiritismo teria de se limitar a cultos domésticos e familiares, para impedir qualquer tentativa de institucionalização ou obtenção de personalidade jurídica. O famoso decreto 2711 de 19 de

dezembro de 1860, determinava que toda a sociedade, religiosa ou política, para se constituir legalmente necessitava de aprovação episcopal. (MAIOR,2006, p.226).

Ao negar um pedido para a fundação da Sociedade Espírita na cidade de Salvador, a autoridade eclesiástica na pessoa do Arcebispo D. Manuel Joaquim afirmava: “ O espiritismo é um atentado formal contra verdade a católica e mais uma sociedade cuja, doutrina tem por fim contrariar a religião do Estado, é contra o mesmo Estado”. (SOUTO MAIOR, 2006, p.227). Essa campanha contra o espiritismo por parte da Igreja Católica, se fez em algumas pastorais no século XIX entre estas:

Em 15 de junho, foi distribuída ao Episcopado brasileiro uma do bispo da diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, no qual o Antigo Testamento era usado como argumento contra a mediunidade e se dizia exatamente: Devemos odiar o espiritismo por dever de consciência. O espanto foi geral. (SOUTO MAIOR,2006, p. 234-235).

Souto Maior, afirma em Novos Paradigmas penúltimo capítulo de seu livro Antes e Depois de Kardec , sendo a crença nos espíritos um fenômeno cultural, merece da academia um estudo para daí tirar as conclusões devidas, sem preconceitos. Para ele existe a necessidade de mudanças na Academia quanto a este assunto e cita os trabalhos acadêmicos em dissertações de mestrado e teses de doutoramento, como exemplo a da Profa. Dora Incontri, em São Paulo, para mostrar o interesse de alguns pesquisadores sobre o tema.

	TempoLinear* Vencer* Purificar* Dominar Distinguir*	Tempo Cíclico Harmonizar Dialogar* Integrar Retornar
---	--	---

TRAJETO ANTROPOLÓGICO Souto Maior

Figura.6.Centro de Filosofia e Ciências Humanas.UFPE.Fonte:www.proacad.ufpe.br/imagens/centros/Page_efch.jp Do ponto de vista do Trajeto Antropológico do imaginário o Prof. Souto Maior tem a polarização dominante do regime de imagens diurno, da estrutura antropológica heróica.

Na questão da morte é ponto de partida para a construção de sua obra, Antes e depois de Kardec, quando procura sentido e significado para a morte, dentro do trajeto antropológico, os regimes de imagens encaram a morte de modo diverso:

Esses dois regimes da imagem recobrem três estruturas do imaginário, que dão resposta à questão fundamental do homem: sua mortalidade. Morte e angústia existencial se expressam através das imagens relativas ao tempo.(PITTA, 2005,p.23)

Estas três estruturas do imaginário são: heróica, mística e sintética. As culturas e indivíduos estão ligados a essas estruturas. Sendo que tanto os indivíduos como as culturas têm o predomínio de um dos regimes de imagens.

Com isso, o comportamento, a visão de mundo e a sensibilidade, tem sua compreensão através da aplicação da teoria das estruturas antropológicas do imaginário.

Assim a obra do prof. Souto Maior se insere na cultura ocidental, pela predominância das imagens de luta, superar, dividir, subir, que indica a predominância do regime diurno de imagens e com outras imagens do regime noturno; como por exemplo, amadurecer,

3.2.1 Agnosticismo e Espiritismo em Souto Maior.

O agnosticismo em Souto Maior, está refletido em toda a sua obra anterior ao livro sobre o espiritismo. Suas obras tinham a predominância de temas econômicos e políticos dentro de uma visão materialista da história.O espiritismo entra em sua vida quando do problema de saúde, que o abala, assim como os motivos da morte, da dor. Estes levam o professor à procura de

respostas. O agnosticismo não propicia respostas, quando o evento de sua doença, abre em sua subjetividade a busca pelo sentido da vida e da morte.

Os teóricos, desde o positivismo e Marx, influíram no pensamento do professor Souto Maior, quando da fundamentação de seus trabalhos. No Brasil destaque para os historiadores da segunda metade do século XIX e dos historiadores do início do século XX. A influência predominante para as suas obras antes da aceitação do espiritismo são predominantemente materialista.

Quanto ao espiritismo Souto Maior ele, se sustenta em Alan Kardec, Leon Denis. No Brasil as obras de Dora Incontri na área da educação.

No espiritismo o Souto Maior entra em contato com as obras de Kardec, Leon Denis, Ernesto Bozzano, Artur Conan Daiyle e outros. O contato com a história e a doutrina espírita possibilitou a formar uma nova visão de mundo, marcado pela racionalidade e a convicção da vida após a morte.

As figuras que se segue mostram temas que se encontram em Delumeau e Souto Maior.

As figuras abaixo demonstram como se dava as manifestações e reuniões espíritas, com destaque para as mesas girantes e os acontecimentos ocorridos na cidade americana que deu início ao movimento espírita pelo mundo:

As mesas girantes atraíam uma massa de curiosos para assistirem ao movimento dessas mesas aguçando cada vez o mistério em torno desse fenômeno que virou verdadeiros shows nos salões de toda a Europa. Nos salões e nas casas se repetiam os verdadeiros espetáculos:

O fenômeno das mesas girantes, consistia no movimento circular realizado por uma mesa provocado por espíritos, como resposta á evocação de um grupo de pessoas que, por simples curiosidade, ou não, desejavam experimentar a comunicação entre vivos e “mortos”, através desse processo. Esse efeito poderia ser produzido por qualquer objeto, mas sendo a mesa instrumento com o qual mais se realizaram tais experiências no século XIX, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, veio daí a denominação de “mesas girantes”, que acabou permanecendo. Foi algo inesperado e provocou as mais diversas reações nos meios científicos e na sociedade em geral. (MAIOR, 2006, p.173)



Figura.7- As Mesas Girantes

Fonte: Blogspot.com/2008/o/arch



Figura.8-As Irmãs Fox

Fonte: Blogpot.com/2008/oo/arch

As mesas girantes atraíam uma massa de curiosos para assistirem ao movimento dessas mesas aguçando cada vez o mistério em torno desse fenômeno que virou verdadeiros shows nos salões de toda a Europa.

Nos Estados Unidos em 1848, apresentou-se uma série de fenômenos na cidade Hydesville, na casa das Irmãs Fox, a partir de então uma grande publicidade foi feita e muitas pessoas foram para a cidade para conhecer os tais fenômenos. O que tornou o lugar famoso em todos os EUA, levando inúmeros interessados na comunicação desenvolverem interesse pelas ditas manifestações dos mortos.

A próxima figura é a do Tribunal do Santo Ofício em Portugal um dos principais lugares da aplicação da Inquisição na Europa.



Figura.9- Inquisição em Portugal

Fonte:<http://upload.wikimedia.org/Wikipédia/commons/d/d71685-Inqui%30Portugal./pg>

A figura mostra a disposição das pessoas que faziam parte do cortejo e o quanto de interesse despertava, pela quantidade de pessoas que estavam no local. Era um espetáculo dentro da visão da época.

O Tribunal do Santo Ofício encontra-se no período moderno, para lutar contra a heresia dos protestantes entre outros, e funcionou na metrópole portuguesa e nas

colônias através das visitas. Executando a doutrina da igreja tridentina que perseguia, também os indivíduos judaizantes, os homossexuais.

Aqui o medo da divisão, a heresia e que fazia funcionar o Santo Ofício, para manter a liderança da Igreja e a pureza da mensagem cristã, através da “ Pastoral do Medo”, do temor da perda da hegemonia da cristandade

A figura a seguir é o túmulo de Allan Kardec, para se discutir a questão do porque o túmulo tem as características druidas e uma inscrição.



Figura.10. Túmulo de Allan Kardec em Paris

Fonte: www.vicenterodrigues.org.br/grandes_doespiri...

No cemitério Père Lachaise, encontra-se o túmulo de Allan Kardec onde existe inúmeras visitas. A forma do túmulo é um dólmen, onde existe quatro colunas de pedra e uma pedra quadrada que fica em cima das quatro colunas, este túmulo era típico dos povos celtas. O que justifica o nome de Allan Kardec, que segundo os espíritas era o seu nome quando ele teve uma encarnação entre os celtas como um sacerdote druida.

Neste dólmen está escrito a frase de Kardec: “ Nascer, Viver, Morrer e Renascer, Ainda e Progredir sempre, Tal é a Lei. Esta frase para os espíritas representa a lei de reencarnação, que possibilita a evolução e o progresso de todos os espíritos.

A figura a seguir é uma gravura que se encontra no livro *Antes e depois de Kardec*, do professor Souto Maior. Esta figura da idade média mostra a crença conhecida da comunicação com os mortos.

A “corporeidade” desses fantasmas variava muito. Ora parecem dotados de um verdadeiro corpo, mutilando ou matando os que se encontram, ora são formas nebulosas como seres que apareciam nos sonhos dos vivos. (MAIOR, 2006, 51)

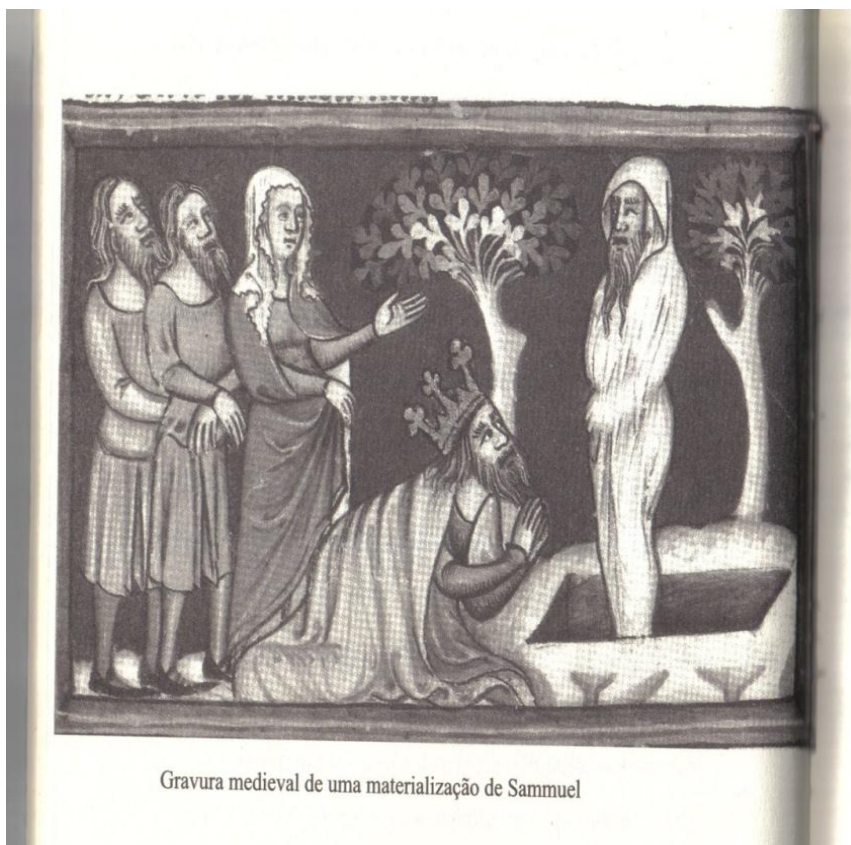


Figura-11. A materialização de Sammel

Fonte: Livro *Antes e Depois de Kardec*, Souto Maior

A crença nos fantasmas era muito comum na Idade Média. Nesta imagem mostra provavelmente o encontro do rei Saul com o espírito de Sammel. O detalhe nesta gravura é que o espírito de Sammel esta materializado, palpável na presença de quatro pessoas.

Com isto a imagem mostra o contato comum com os mortos, seus avisos, as informações, seus pedidos em outros casos de missas e até contando as suas situações onde se encontravam na crença cristã, o céu, o purgatório e o inferno.

As mentalidades medievais eram ricas nas comunicações entre vivos e mortos acreditam os espíritas. Uma outra gravura ilustra bem as crenças que estavam viva para as pessoas, até depois do fim da Idade Média,” que uma multidão de demônios espalhava-se por toda parte e assim o indivíduo estava sujeito, a qualquer momento, às forças infernais”(MAIOR.54.2006), permanecendo atemorizante para muitos cristãos, até hoje.



*Gravura de 1605 do demônio que ainda hoje atormenta
muitos seguidores do cristianismo.*

Figura-12. A crença no diabo

Fonte: Do livro Antes e Depois de Kardec,p.45.

A imagem faz perceber uma espécie caricatural do demônio que embora mantendo aspectos humanos não deixa de escapar uma visão aterrorizante, impondo o medo e consequentemente estabelecendo uma relação de poder entre este diabo com toda a humanidade. O que identifica a crença no diabo, em demônios, filtros, mal-olhado, pactos com o diabo que era freqüente e utilizado pelas pessoas nas mentalidades medievais e modernas.

Apesar da Igreja proibir tais pactos e condenar até mesmo ao inferno, afirma Souto Maior, que “ao admitir a existência do demônio dava espaço para que muitos doentes invocassem demônios, esperançosos nos seus poderes,(MAIOR.p.55.2006) Nesses rituais muitas pessoas foram parar no Tribunal da Inquisição acusados de heresia.

Em síntese o diabo simboliza o mal que em si quer dizer “ separação”, leva medo e certamente um dos medos mais sentidos pelos homens da Idade Média e Moderna perdurando até nossos dias.

Observa-se nesta próxima figura a simbologia do demônio.



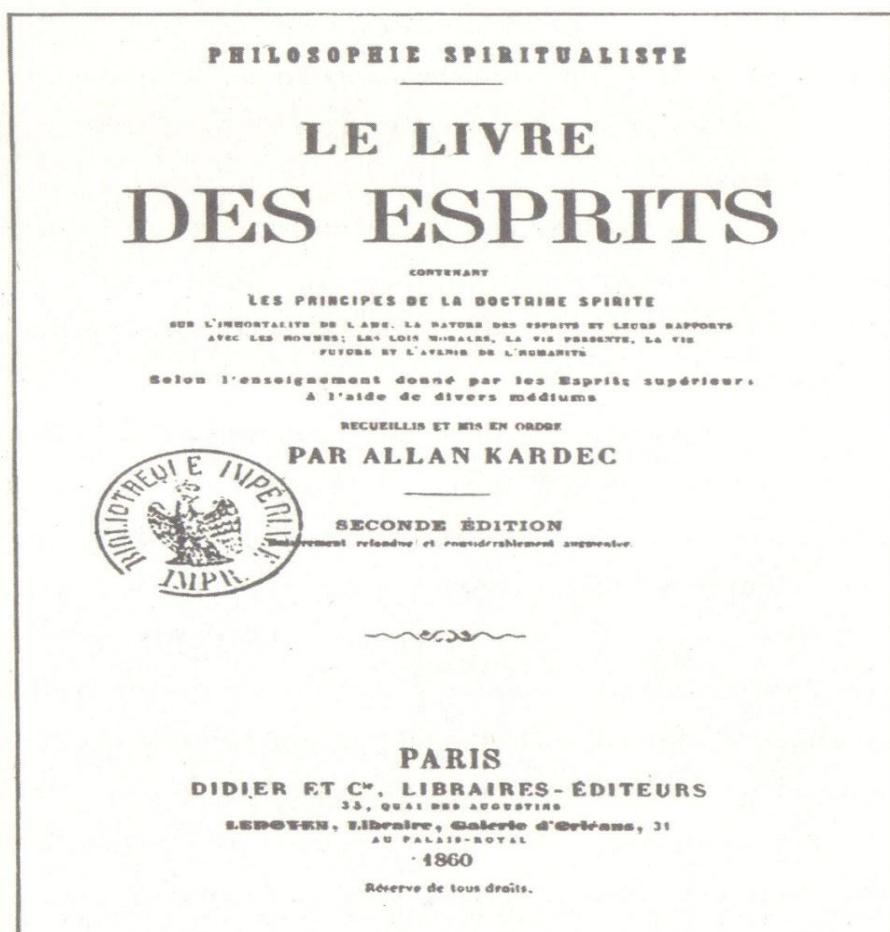
Figura-13.Adão o monge e o Diabo

Fonte:WWW.revistamirabilia.com

Na luta contra a força do mal, o monge recebe a ajuda de Adão, as forças tem que ser redobradas. A imagem remete a uma luta clerical entre o diabo com o poder eclesiástico e bíblico o que denota que haverá sempre um conflito ente essas dicotômicas manifestações de poder.

A luta do bem contra o mal e o uso de espada, demonstra bem a concepção duraniana do ato heróico de vencer o mal, do regime de imagens diurnas e da estrutura heróica.

Continuando com esse discurso apresenta-se no livro de Souto Maior a figura representativa do Livro dos Espíritos:



A segunda edição francesa do Livro dos Espíritos.

Figura.14. Segunda edição do Livro dos Espíritos.

Fonte: Antes e Depois de Kardec.p.127

Esta imagem se encontra no livro do Prof. Souto Maior, ela é a copia da segunda edição que saiu na primeira edição em 18 de abril de 1857.

È uma obra elaborado com perguntas e respostas efetuadas por Allan Kardec e respondidas pelas entidades desencarnadas como diz os espíritos.

O constitui-se no livro inicial do espiritismo na França e que foi divulgado e traduzido para várias línguas.

Percebeu Rivail que estava diante de algo transcendente e resolveu estudá-lo a fundo. Aplicou rigorosamente, conforme suas próprias palavras, o “método científico positivo” em suas próprias investigações,(MAIOR,2006,p.126)

Em torno da análise duraniana pode-se colocar o espiritismo diante do mito de Prometeu, da idéia de progresso, de evolução. Não apenas Prometeu, mas outros mitos certamente esta na confluência do espiritismo.

A próxima Figura é a Paris de 1850, local onde as manifestações políticas,econômicos, sociais e os fenômenos das mesas girantes, das comunicações dos mortos, das aparições de fantasmas eram anunciados.



Figura.15.Paris de 1850

Fonte: <http://garelest.free.fr/ext-1850-reduit.jpg>.

Destaca Durand que entre 1780- 1865, ressurgiu o mito de Prometeu, então se encontra um período com as ascendências deste mito.

Refiro apenas como testemunho- sou aqui forçado a resumir estes processos – a activação dos símbolos em finais do século XVIII e inícios do século XIX na Europa, que permitiram, num messianismo mítico. O ressurgimento literário e ideológico do velho mito de Prometeu e a encarnação histórica deste mito em Napoleão Boanparte. (DURAND, 1996, p. 87)

A próxima figura é da revolução industrial, do desenvolvimento tecnológico em consonância com o período da análise durandiana da predominância do Mito de Prometeu.

As pessoas correm para ver a novidade do transporte, a tecnologia resolve tudo, é o discurso predominante do progresso que está por causa da ciência.



Figura.16. A tecnologia

Fonte: http://WWW.passeiwe.com/saiba_mais/fatos_historicos/geral/imagens/revolucao_industrial.jpg

Com o mito de Prometeu existe todo um percurso histórico, que professa a essa idéia de progresso, da ciência como a maior esperança da humanidade, da tecnologia para uma sociedade que está no auge desta evolução, o positivismo atesta esta realidade, a crença no melhor dos mundos.

A Revolução francesa e o advento tecnológico são no mínimo “sincrônicos” com o mito de Prometeu. Certos mitos de época isto é, que explicam uma época- não se extinguem com a época que os gerou: Unamuno demonstrou de forma clara que o “quixotismo” não tivera necessidade de uma encarnação histórica do cavaleiro de-triste – figura, e que Dom Quixote ainda vive no nosso século, bem longe dos feitos cavaleirescos. (DURAND, 1996, p.87).

A próxima figura trata da comunicação entre os vivos e os mortos, pode-se perceber que as mentalidades medievais já admitiam esse processo interativo a imagem abaixo retrata essa interlocução.

Como se vê, a apresentação da imagem em sequência garante uma narratividade às cenas expostas que vão desde a aparição do espírito que vem trazer uma mensagem, um aviso e a consumação da profecia. Assim para as mentalidades medievais o contato com os espíritos eram comuns e corriqueiras.

A morte do filho sendo anunciada ao pai pela comunicação entre vivos e mortos é conhecida entre os espíritas como TCM (Transcomunicação Mediúnica). Para o espiritismo o ser humano não perde sua consciência ou individualidade quando morre, ele permanece com sua identidade e sua personalidade, por isso para eles as aparições, vem com formas e falas, reconhecidas, daqueles que já privaram de sua companhia, inúmeras vezes da própria família.

Daí, paradoxalmente a Igreja medieval, que, nos primeiros séculos manifestara-se reticente com relação a crença em fantasmas, considerada como característica do paganismo ou simples superstição, na verdade, estimulava nos sermões a necessidade de uma lembrança dos que já haviam morrido, que exigiam missas, preces e obras pias.(MAIOR.2006,51)

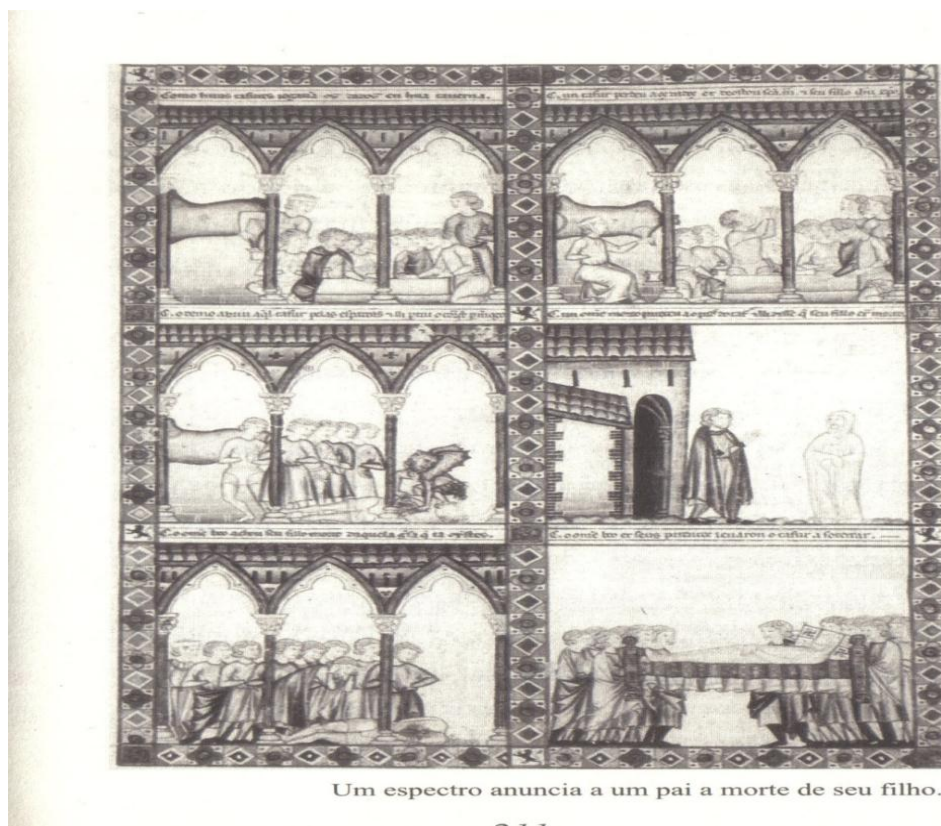


Figura.17.Anúncio da morte.

Figura. Antes e Depois de Kardec,p.211

A próxima figura expõe a visão que os discursos da Igreja da Idade Média repassava para as pessoas, demonstra a visão que se tinha do corpo. O corpo e sua condição inferior a alma, dentro do discurso da pastoral do medo a morte é representada de forma aterradora, acrescentando que permanece ainda nos dias atuais a predominância desta imagem.



Figura. 18-A morte e o corpo

Fonte: <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.ricardocosta.com/pub/morte.htm>

As ordens mendicantes tiveram seu papel na difusão dessa nova espiritualidade e concepção do além no século XIII. Os pregadores franciscanos e dominicanos lembravam às massas a corruptibilidade de todas as coisas. O *cadáver putrefato* era a imagem preferida dos sermões. Carne associada ao pó e aos vermes (HUIZINGA, s/d: 145). http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.ricardocosta.com/pub/images/morte_arquivos/Morte3.

A concepção da negatividade da carne, do corpo, que deu origem ao pecado, fica claro nos discursos da morte e do pecado, na idade média e suas representações nas

pinturas e esculturas. O discurso do pecado, da morte, tem haver com o corpo, fonte de corrupção. O corpo passa a ser proibitivo de chegar ao paraíso, por isso a necessidade de uso da disciplinarização do corpo.

A estrutura predominante dos discursos, será impregnado da culpa. A pastoral da culpabilização impõe a negação de si, e carrega no discurso de o corpo é putrescível, que é corruptível e cada indivíduo cada pessoa carrega o pecado e a culpa. Delumeau mostra que esse discurso está presente também na idade moderna:

O pregador oratoriano Lorient, na época de Luís XIV, se questiona em um sermão missionário “se não é realmente uma temeridade presunçosa pretender viver sobre a terra como anjos vivem no céu”. Sua proposta é categórica: “A virgindade”, garante ele “coloca aqueles que dela fazem profissão acima dos homens e os eleva até a condição dos anjos... Eles deixam a terra pelo céu... Eles antecipam mesmo o estado e natureza dos anjos... e se aproximam de Deus Ele mesmo” Essa “antropologia angelical”, para retomar a fórmula voluntariamente contraditória de um medievalista belga, trazia em contrapartida a desvalorização sistemática da vida terrestre, vida necessariamente pecadora e miserável nesse “vale de lágrimas”. Por causa do pecado original, o mal e a infelicidade se instalaram aqui entre nós. Nós somos concebidos na impureza, nascemos aos gritos e lágrimas, vivemos na inquietação, no sofrimento e no pecado, morreremos na angústia e apodreceremos no túmulo. Tal é o nosso destino. Reconhecemos nessa sequência mórbida os temas fundamentais do *contemptus mundi*, do desprezo do mundo. (DURAND, p.1.2004. <http://p.php.uo.com.br/trópico/html/textos/2420,1.sh>)

A figura seguinte relata a questão da morte do ponto de vista das mentalidades da idade média. Mais uma vez o discurso da Igreja explica como será morte de cada um dependendo do comportamento na sua vida.

O avarento em seu leito de morte é assistido pelo padre e familiares e amigos, mas também é observado e acompanhado por três diabos, a espreita de sua alma, para levá-lo ao inferno, uma morte marcada pelo medo.

Já a outra figura é o de um mendigo, em seu leito de morte, sendo que acompanhado pelos familiares e amigos e em seguida recebendo a recompensa de ir

para o céu, ele que tinha sofrido tanto, alcançaria o paraíso. Essa era a noção da vida e da morte nas mentalidades medievais.

A Igreja em seu discurso disciplinador prometia o inferno para aqueles que pensavam e se comportavam mal na vida, são colocados em situação difícil no momento da morte, medo e culpa são os ingredientes da época que interferem nas mentalidades medievais e continuam até os dias de hoje



Figura.19. A morte do usurário e o mendigo.

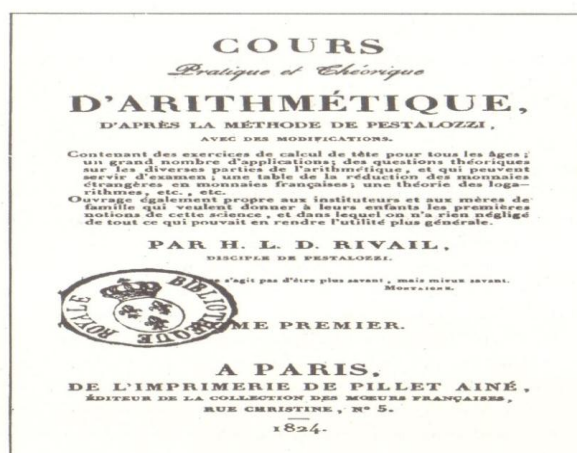
Fonte: www.ricardocosta.com/pub/morte.htm.

Nas mentalidades medievais a morte tem ligação imediata com a maneira que se viveu.

O avarento em seu leito de morte é assistido pelo padre e familiares e amigos, mas também é observado e acompanhado por três diabos, a espreira de sua alma, para leva-lo ao inferno, uma morte marcada pelo medo.

Já a outra figura é o de um mendigo, em seu leito de morte, sendo que acompanhado pelos familiares e amigos e sem seguida recebendo a recompensa de ir para o céu, ele que tinha sofrido tanto alcançaria o paraíso. Essa era a noção da vida e da morte nas mentalidades medievais.

Esta próxima figura trata do livro sobre o Curso Prático e Teórico de Aritmética do professor Rivail(Allan Kardec). Nesta imagem esta colocado que ele aplica o método de Pestalozzi, seu mestra na cidade de Iverdon na Suíça.Expõe também que este curso atinge todas as idades, das crianças aos jovens, no domínio da aritmética. Com esta imagem Souto Maior mostra a vinculação de Allan Kardec com a educação e a figura de professor comprometido com sua profissão.



Capa de um dos livros didáticos de Kardec, editado em 1824.

122

Figura.20.

Figura.. Curso de Aritmética de Rivail,

Fonte: Antes e Depois de Kardec.p.122

A próxima figura traz o prédio primeiro colégio espírita do Brasil,Colégio Allan Kardec fundado em 1907 pelo professor Euripedes Barsanulfo. Neste colégio as crianças e jovens tinham aula da doutrina espírita e até mesmo de astronomia ministrada pelo professor Barsanulfo na cidade de Sacramento em Minas Gerais.As classes eram

mistas, com meninas e meninos. Este colégio é considerado pelos espíritas como a primeira experiência de pedagogia espírita no Brasil.



Figura.21.ColégioAllanKardec

Fonte:http://sacrahom.net/oestadotriangulo/noticias/cidade/religião/colégio_allanKardec

Para Souto Maior ao longo do seu livro a preocupação de Kardec com a educação e a sua formação como educador ressalta-se em toda as obras de sua autoria. Neste artigo que segue Souto Maior agradece a um amigo pela sua atividade política e pela defesa da liberdade de culto para as religiões afro-brasileiras e acrescenta um convite a escola fundada por ele:

Meu caro Edmir Régis: Escrevo-lhe depois de ler seu "Lembranças sem Data". Há um provérbio muito antigo que diz "ama-se mais aquilo que se conhece melhor". É um provérbio seletivo, pois só se aplica às coisas boas. Agora, que compartilho de suas lembranças, sou mais seu amigo, além de seu admirador. Aquele seu projeto (Lei 7.669) que dava liberdade espiritual às seitas afro-brasileiras de, publicamente, praticar os seus cultos, sem medo da polícia, consagrou sua atividade parlamentar e a mim, particularmente, como espírita, diz muita coisa. Espero, um dia, conversarmos longamente sobre isso. Esta carta é

apenas para lhe agradecer a referência feita ao meu nome, fruto de sua generosidade. Quando tiver um tempinho, venha conhecer uma escola que mantemos à avenida Norte, 104, defronte da TV Universitária, para as crianças pobres do bairro de Santo Amaro. Atualmente são 230. Ali são alfabetizadas, almoçam e são cuidadas com todo o carinho. O nome da escola é Leon Denis, escritor espírita, e um livro dele está à sua espera para quando tivermos a alegria de sua presença. (Edição de Sexta-Feira, 10 de Setembro de 2004)

Esta figura representa a presença missionária da Igreja católica em sua atividade de catequese indígena e educação dos colonos. Esta uma missão onde os nativos aprendiam a falar o português, a cantar em latim. Os representantes desse projeto no Brasil eram os padres da Companhia de Jesus, exército preparado para exercer os ditames da Igreja tridentina.

A figura mostra um missão, onde em destaque se encontra a cruz, como símbolo maior do cristianismo e um sino para lembrar e chamar para as missas.



Zacarias Wagner, *Aldeia Missionária*, século XVII

Figura.22. Aldeia Missionária

Fonte: www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Maria_Isabel_M_Nascimento_artigo.pdf.

A próxima figura expressa a presença missionária e a confluência de duas culturas, a européia e a cultura guarani. Isto está demonstrado na arquitetura que leva as características culturais de ambas. E sua repercussão na estrutura do império português quando o Marquês de Pombal decretou a expulsão dos jesuítas de Portugal, interrompendo a trajetória do projeto educacional jesuíta no Brasil.

O alvo de toda a catequese estava centrada no índio que vivia isolado nas missões para não serem escravizados pelos colonos.

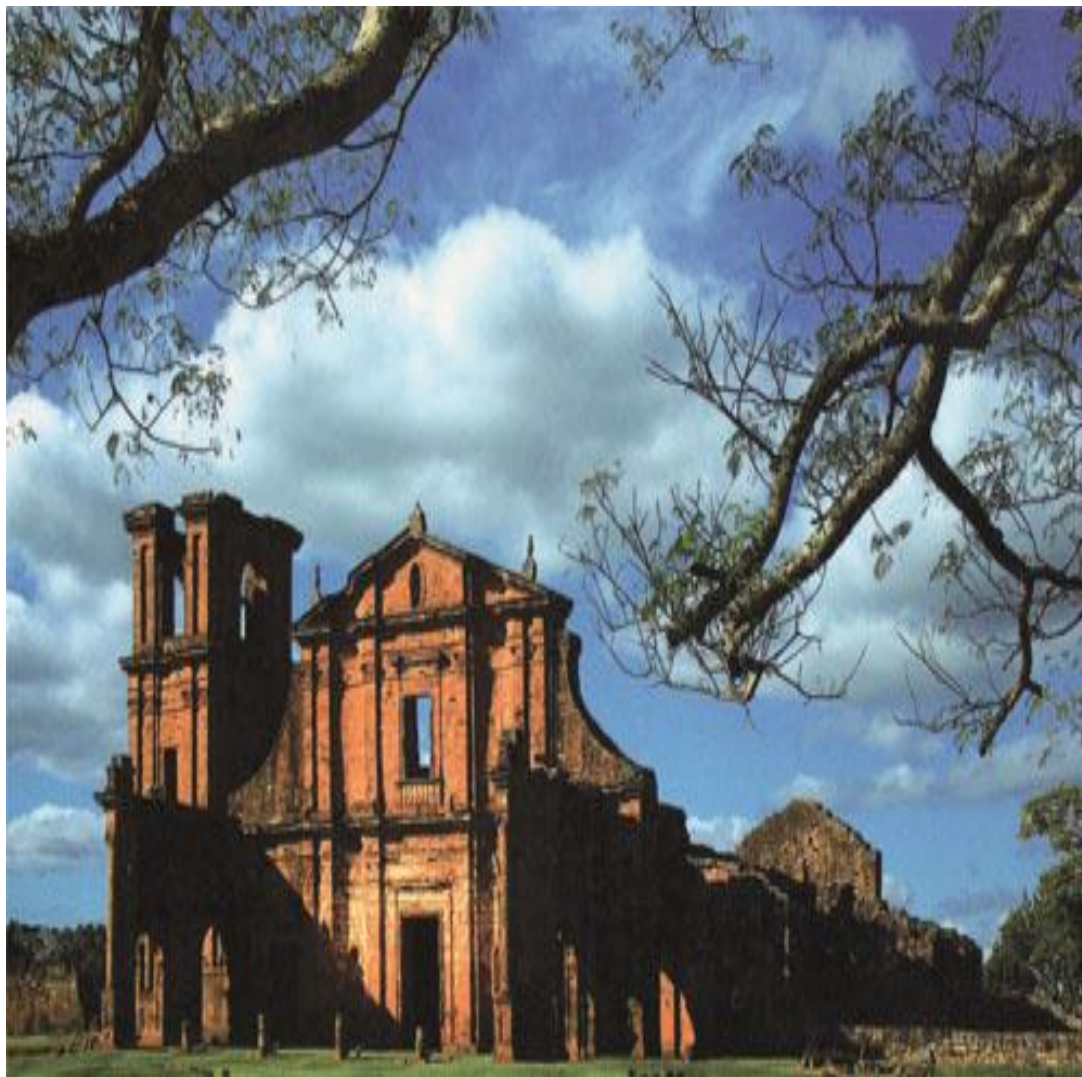


Figura.22.Sete Povos

Fonte:pemersongalindo.blogspot.com/2008/03/misses-j...

Em detalhe nesta figura uma das construções de Sete Povos das Missões. Ruínas da Igreja de São Miguel, no Rio Grande do Sul. Construída pelos jesuítas, foi um dos locais de difusão da tradição tomista no Brasil colônia.(COSTA,p.83. 2001).

A Companhia de Jesus, detentora de verdadeiro monopólio do ensino em Portugal, teve um papel decisivo na implantação da filosofia escolástica e do tomismo em particular, na orientação acadêmica Brasil colônia. (COSTA,2001,p.83)

CAPÍTULO.4- DELUMEAU E SOUTO MAIOR: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Entre Jean Delumeau e Souto Maior, destaca-se a questão da religião, seguem linhas teóricas diferentes, porém a temática do cristianismo é encontrado tanto em um como o outro.

4.1.Reencarnação:

O professor Souto Maior coloca a reencarnação numa perspectiva histórica e cultural, na medida em que destaca a crença de diversas civilizações, como Egito, Índia, Grécia. Os druidas acreditavam nessa doutrina, por isso no túmulo de Allan Kardec a forma de Dolmen de seu túmulo origem celta quanto de seu nome.” As sementes dos nossos destinos são as ações do nosso passado nesta e nas vidas anteriores.”(MAIOR- 2006.,p.204).

A reencarnação é a doutrina básica do espiritismo considerada uma lei, por isso afirmação de Souto Maior, em relação às ações do passado, porque através da reencarnação existe o progresso e a evolução de cada ser humano.

4.2 .Jesus Histórico:

Para Souto Maior, o espiritismo afirma que Jesus é o modelo e guia da humanidade, exemplo a ser seguido por todos os homens, por sua solidariedade, amor.

É o libertador das consciências, indicando o caminho do bem. Ele não é considerado Deus, mas seu filho e o espírito mais elevado a pisar na terra, irmãos de todos os homens.

Recentemente, o historiador John Dominic Crossan, da De Paul University, publicou a mais completa obra sobre a história de Jesus, já editada em português(O Jesus histórico- a vida de um camponês judeu no Mediterrâneo, Editora Imago, Rio, 1994, tradução de André Cardoso, coleção Bereshit) e nela a historicidade de Jesus é apresentada com desenho muito bem definido.(MAIOR, 2006.p. 62)

É incontestável para ele a condição histórica de Jesus na Palestina controlada pelos romanos e a classe política e religiosa judaica

4.3. Natureza Divina de Jesus

Delumeau em sua pesquisa sobre o cristianismo acolhe da teologia cristã a idéia de Jesus, como Deus, fazendo parte da Trindade. Como ele é encarnação de Deus, se fez homem para viver as dores, o sofrimento, a impotência diante da vida. Ele vive o humano e o humano se diviniza.

Humilde crente, tomo ao pé da letra os textos evangélicos que tem transmitido a sucessivas gerações uma verdade de que a princípio não suspeitaram os contemporâneos de Jesus, pois ninguém em Israel esperava por um Messias que fosse o próprio Deus. (DELUMEAU, 1991p.95)

Jesus é uma das pessoas da trindade, sendo o filho, também como o Pai e o Espírito Santo.

4. 4. A Igreja Tridentina e seu Braço Educacional: Os Jesuítas

O discurso efetuado pelos jesuítas caracteriza-se por uma imagem negativa da natureza e portanto não merece nada de Deus, e ressalta a questão da má consciência e o medo de si mesmo

O jesuíta francês Baourdalou escrevera no século XVII: Não é de forma alguma paradoxo, mas uma verdade certa, que não temos maior inimigo a temer do que nós mesmos. Como isso é possível?... Eu sou mais... temível para mim do que todo o resto do mundo, já que só cabe a mim aniquilar a minha alma e excluí-la do reino de Deus”. Essa afirmação refletia antigamente a opinião geral dos diretores espirituais da cristandade. (DELUMEAU. <http://pphp.uol.com.br/tropico/html.textos>)

A posição de Delumeau em relação a sua pesquisa e à história da Igreja aqui expressa:

Esse tema que abordo hoje esclarece o funcionamento e a difusão de um discurso culpabilizador. Ele se situa então mais sobre o plano da constatação do que do julgamento, mesmo se é verdade que minha investigação visou reencontrar a mais autêntica mensagem cristã,

vítima dos desvios históricos que é preciso explicar e não de condenar. Compartilho inteiramente do que escreveu em 1789 a revista “trenikan”: “ Na história da Igreja, os fatos existem para nos instruir e para que evitemos cair em erros semelhantes. Por outro lado nós não temos nenhum direito de julgar as pessoas e nada prova que no lugar delas nós não teríamos feito melhor do fizeram”. Com esse estado de espírito, minhas duas obras sobre o medo procuraram fazer aparecer os condicionantes culturais deste medo durante um certo período e num certo espaço. Esse método pode também ajudar a compreender situações atuais. (DURAND.p.1.2004.<http://pphp.uol.com.br/tropico>)

Delumeau no longo percurso do cristianismo destaca no período de longa duração a mentalidade da “pastoral do medo” o que levou ao processo de culpabilização intensa, do pecado. Esta pastoral, prometia o inferno, a todos aqueles que não cumprissem os preceitos da Igreja.

O pecado original constituía para Santo Agostinho e São Tomás o modelo do pecado, correspondendo exatamente à identificação deles: era a desobediência voluntária de Adão e Eva ao preceito divino de não colher o fruto da árvore do bem e do mal. Não se pode compreender a história da cristandade ocidental de antigamente se não lhe dermos o devido lugar – que – foi enorme- à doutrina(tradicional) do pecado original. Este era representado como um delito de dimensão verdadeiramente cósmica, cometido por dois seres que haviam recebido dádivas e privilégios que nós não podemos imaginar. Em Plena liberdade, eles desobedeceram à ordem do Criador, que lhes havia coberto de favores. Disso resultou para eles e seus descendentes o sofrimento, a morte, a concupiscência, a ignorância e a condenação ao inferno. Este último deveria ser o destino normal de toda a humanidade, se não tivesse havido a Redenção, graças à qual os eleitos escapam dos tormentos eternos. Teologia e pastoral decorrem desta representação do primeiro pecado e, sobretudo, a afirmação de Santo Agostinho de que a humanidade, pecadora desde Adão e Eva, constitui uma “ massa de condenação eterna”, os eleitos sendo muito menos numerosos do que os condenados.(DURAND.p.<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2420,1.shl>)

E isto era executado por religiosos na sua função de educadores, com especial destaque para a Companhia de Jesus dentro da concepção tridentina:

O jesuíta São Roberto Bellarmino (fim do XVI- começo do XVII), retomando uma comparação de São Jerônimo, afirmava: “O número dos reprovados será semelhante à quantidade de azeitonas que caem

por terra quando se balança a oliveira; e o pequeno número dos eleitos será comparado a algumas azeitonas que tendo escorregado das mãos dos que sacudiram a árvore, ficaram no cimo dos galhos e serão retiradas à parte”. No início do século XVIII, o pregador São Luis Grignion de Montfort assegurava quanto ao tema do pequeno número dos eleitos: “Ele é tão reduzido, tão reduzido, que, se nós o conhecêssemos, nós desfaleceríamos de dor. Ele é tão pequeno, que apenas, dentre dez mil, existe um, como foi revelado a vários santos”. (DURAND,p.2.<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2420,1.shl>)

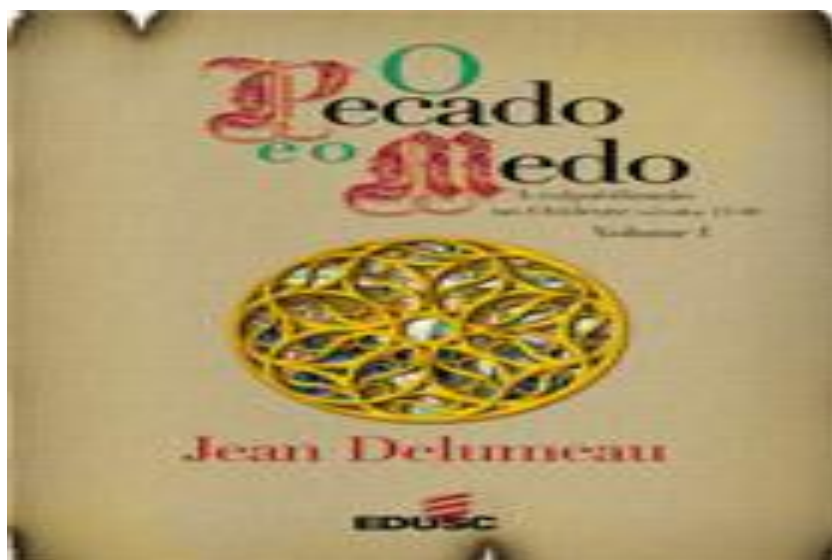


Figura.24.Capa do livro O Pecado e o Medo.

Fonte: www.usc.br

Neste livro o historiador com suas próprias palavras diz desenvolver uma história do pecado e medo as consequências desse discurso e entender as representações sobre Deus, no Ocidente, num período dos séculos XVIII ao século XIX.

Daí meu livro, que pretende ser uma história cultural do pecado na civilização da qual somos herdeiros. Encontrar em um espaço e numa faixa cronológica dados a história do pecado, consequentemente da “má imagem de si”, e se colocar no coração de um universo humano;

é extrair um conjunto de relações e atitudes formadoras de uma mentalidade coletiva; é encontrar a reflexão de uma sociedade sobre a liberdade humana, sobre a vida e a morte, sobre o fracasso e o mal; é descobrir sua concepção das relações com Deus e a representação que esta sociedade fazia Dele. É, então, no interior de certos limites de tempo e espaço, empreender conjuntamente uma história de Deus e uma história do homem.(
DELUMEAU,2005.p.2<http://pphp.uol.com.br>)

O ponto importante para o historiador é empreender uma história das representações do homem e de Deus. Com isso destacando ao longo desses dois séculos os discursos e imagens que simbolizam estas representações.

4.5. O Cristianismo e a questão do perdão

O professor e historiador Jean Delumeau explica que o discurso e a doutrina do pecado, da culpabilização, do medo, já teve sua história, e lança a solução para superação, e aqui faz uma análise da Encíclica do Papa Bento XVI, “Deus caritas est” (Deus é amor), para o historiador a Igreja está mudando de rumo.

Certamente, não é brandindo novamente a ameaça do inferno ou do purgatório que o cristianismo convencerá nossos contemporâneos da necessidade de um retorno à ética. Abusou-se em demasia da pastoral do medo. Em compensação, ele permanece na linha do pensamento de seu fundador, proclamando a necessidade da “reconciliação” e do “perdão. Num mundo dilacerado pelos ódios e as injustiças, seria utópico proclamar a necessidade de perdão? Na realidade não há outra saída para as nações e os indivíduos. A liberação dos povos e das pessoas passa pelo perdão. Outrora os pregadores proclamavam duramente “o calvário ou o inferno”. Atualmente os cristãos podem afirmar com mais segurança uns e outros, ou eles criarão – e eles, infelizmente, criam já com frequência o inferno sobre a Terra.
DELUMEAU.2005.p.3<http://pphp.uol.com.br>)

O discurso da igreja que tinha o predomínio do culpa, do pecado, do inferno, que provocava todo o medo sofre alterações na atualidade. E nesse texto Delumeau expressa sua militância cristã e envia uma mensagem que caracteriza o seu humanismo cristão, quando ressalta a necessidade do retorno a ética e do perdão, recorrente em toda a sua obra.

4.6 .Cristianismo em Perspectiva para Souto Maior

Souto Maior faz uma crítica aos teólogos da Igreja que levaram tantas pessoas a fogueira, porque discordavam destas doutrinas, ao mesmo tempo que observa mudanças de pensamento e posicionamento

A verdade e o bom-senso- A teologia do bom senso surgiu mais dos sábios considerados heréticos, do que dos teólogos e bispos reunidos em concílio. Ter coragem de dizer a verdade, quase sempre o mais arrojado ato de santidade. Quando pensamos nas pessoas que foram queimadas nas fogueiras inquisitoriais, perpassa na nossa alma um frêmito de revolta e de compaixão, mas é bom que nos lembremos que essas vidas, aparentemente destruídas, constituíram, muitas vezes, as sementes ardentes das idéias religiosas mais evoluídas. É a lei do progresso, aplicativa da evolução, que atinge até o papado atual. João Paulo II não pediu perdão publicamente, pelos erros cometidos pela Igreja Católica.(MAIOR,2006,p.63-64)

Acrescenta ainda Prof. Souto Maior, que o próprio Jesus Cristo, era considerado herege pelo clero do antigo Judaísmo. Espera o historiador que “ pra daqui a dois ou três séculos, um cristianismo harmonioso, complacente e fraterno”(MAIOR,2006.64)

4.7. Contribuições acerca da discussão do campo religioso em Delumeau e Souto Maior.

O historiador Delumeau construiu uma trajetória de estudos sobre as religiões tendo por início a sua investigação do Medo no Ocidente, e com isso produziu uma obra vasta sobre o cristianismo, símbolos, imagens, arquétipos e todo o imaginário cristão que sustentou a civilização ocidental nesses dois milênios.

Neste contexto cristão, destaca a concepção de pecado, de culpa e de culpabilização como formadora dessa cultura e afirma a criação desta doutrina a partir da concepção de história Santo Agostinho caracterizada desde o início pelo pecado.

No caminho, esta pedagogia do medo, do terror e da punição, acarretou uma sociedade que procura exorcizar seus medos, procurando os pecados, estes acontecendo tanto no íntimo, como exteriormente. Neste contexto, tem especial destaque nesta pedagogia a ação exterior do Demônio e seu poder de sedução e de maldade, por isso

surge os tribunais eclesiásticos do Santo Ofício, para usar da intolerância a todos os praticantes de vícios e pecados e com isto expurgou do meio da sociedade eleita e os levou para a pena eterna no inferno. Portanto caminham juntos, sofrimento, pecado, culpa, medo e morte.

São dois mil anos de intensa pregação do lado negativo e de combate às forças destrutivas comandadas pelo Demônio, senhor de uma força, que envolve os mais fracos e os influenciam na maldade. Assim anjos e demônios participam de batalhas para arrebanhar os fieis, e a Igreja encerra a única via para a salvação mediante a purificação dos pecados, pelos atos e palavras de Cristo.

Então em meio ao medo, Delumeau encontra outra possibilidade cristã, na terra, seria os Mil anos de Felicidade na terra. O milenarismo, idéia e doutrina recoberta de esperança, porque o retorno de Jesus seria esperado e de acordo com a vida de cada um a remissão dos pecados e o paraíso na terra. Delumeau apud Carvalho (2005, p.) analisa que:

A fé religiosa num tempo paradisíaco futuro que durará mil anos, onde Cristo e seus eleitos reinarão, no cristianismo refere-se ao milenarismo. Tal re-começo insere-se na perspectiva de duas ressurreições: a primeira dos eleitos mortos, e a segunda dos vivos diante do julgamento final. Concebido como um tempo histórico vetor, o milênio será permeado entre um tempo histórico e o da *descida da "Jerusalém celeste"*. Antecedido por períodos conturbados (o reino do Anticristo e uma segunda liberação das forças do Mal), os tormentos serão vencidos e será restabelecido um tempo de paz e felicidade.

Na preocupação de pesquisar o cristianismo, Jean Delumeau criou uma obra que esmiúça as práticas e crenças cristãs ao longo desses dois milênios, elaborando uma visão ampla destas crenças na sociedade ocidental.

A sua capacidade de tecer o conhecimento histórico, as nuances de seu trabalho é obra de erudição, mas também roteiro para uma história contemporânea, das mais aprofundadas. Ao trabalhar com o medo, como tema de pesquisa, Delumeau possibilitou a outros pesquisadores encontrar temas até então não recomendados pela Academia naquele momento. Hoje, temas como sexualidade, gênero, minorias, meio

ambiente, morte, odores, religião, festas, entre outros, são temas que assumem posição de destaque nos trabalhos de historiadores.

Todas estas temáticas encontram-se ligadas, como uma teia, uma rede de dimensões globais, ainda mais nos dias atuais de proximidade, pela diminuição da territorialidade, quando se pode se conectar com outras partes do mundo em questão de segundos.

Os seus estudos apontam para a possibilidade da Igreja mudar em relação com as outras religiões. Desenvolvendo o diálogo inter-religioso, que a partir daí se tenha um mundo que considere a paz o ponto de inicial e final de todo contato entre os povos mediante as suas religiões.

O professor Armando Souto Maior ao longo de sua vida acadêmica priorizou os temas políticos e econômicos, com destaque para a História Geral. Quando movido pela doença entra em a questão existencial e angustiante da dor e da morte. Está de frente o conhecido e reconhecido historiador com as questões mais angustiantes da vida. O porquê da dor, qual seu significado? E a morte? O medo também presente nestas indagações, onde emoções e sentimentos estão em jogo.

O que entra em cheque é toda a concepção de vida e de conhecimento, de perguntas e respostas, que existiam diante de si as indagações e os sentimentos mais angustiantes para o ser humano e a procura do sentido da vida, para resolver os angustiantes porquês.

Toda essa visão de mundo do professor Souto Maior é por ele pensada, refletida e como consequência a visão anterior não tem como responder a essas questões, o agnosticismo não consegue responder a questão para o medo e a morte. O vazio existencial tocou em seus sentidos, e então os fatos e as pessoas contribuíram para a sua tomada de posição diante da vida. Procurou então respostas no contato com o Espiritismo.

Este contato o fez mudar em relação à visão quanto à dor e a morte, seus medos foram encarados de outra forma, passou de um agnosticismo de muitos anos, para uma religião que para ele respondia de modo racional as questões existenciais, morais e sociais. Destaque para sua convicção de que o espiritismo podia ser um fator de

mudanças profundas na sociedade, tendo como bandeiras, a solidariedade e a justiça social e não mais a exploração de um sobre o outro de uma camada social sobre a outra, a fraternidade entre as pessoas e os povos.

A sua relação mais direta com o tema religião que até então era de críticas as instituições e o grau de ignorância que dominava os seus praticantes, muda completamente para compreender que a espiritualidade e os espíritos poderiam ser estudados, como fenômenos históricos, culturais, sociológicos e que a Academia devia voltar seus olhares sobre esses temas.

Escreve artigos em jornais da doutrina espírita, onde nuances do espiritismo são abordados, por exemplo, na ciência psíquica, ao abordar as questões de obsessão e loucura, na educação, por ter um pedagogia, exercido por algumas figuras no Brasil a serem estudadas fora do movimento espírita, por pesquisadores na história, pedagogia, sociologia, antropologia.

Souto Maior observou que a história do espiritismo no Brasil, está em curso, daí a necessidade de uma história geral do espiritismo e o destaque de ser a maior nação espírita do mundo. Para ele, o espiritismo no Brasil é pouco conhecido, cabendo as universidades e seus pesquisadores abrirem espaço para o estudo das práticas espíritas.

A sua preocupação recente em relação ao tema religião e espiritismo, demonstra a sua condição de inquietação de um pesquisador, a procura do conhecimento e da produção deste conhecimento em virtude da ignorância em relação a sua importância no meio social e cultural.

O historiador Souto Maior, demonstra com sua obra *Antes e Depois de Kardec*, o interesse do pesquisador por um tema que precisa de aprofundamentos por parte das inúmeras ciências não apenas as sociais e humanas, mas também as físicas e biológicas.

Seu trabalho destaca-se em dois campos: a mudança de campo simbólico, do agnosticismo para a religião e da possibilidade da história aproximar-se da religião para o estudo e pesquisa.

Está claro que não fez do estudo sobre religião o seu tema principal, mas conseguiu demonstrar que os fenômenos ligados à mediunidade são tão antigos como o próprio homem e em todas as culturas e sociedades.

A questão do medo é tratado pelos dois sendo que Delumeau estruturou sua obra em torno do medo, enquanto Souto Maior vive esse medo diante da morte, conseguindo para ele uma saída dentro do cristianismo através do espiritismo.

Enquanto Souto Maior, sofre uma conversão e parte para a exposição de sua condição de convertido, Delumeau elabora uma pesquisa de profundidade sobre a concepção construída do medo, da culpa, do pecado e da morte, como fundamentais ao cristianismo.

Para Souto Maior religião era uma tema que durante toda a sua carreira acadêmica era motivo de críticas e de segundo plano, Delumeau a coloca como tema prioritário, ainda mais quando se faz parte de uma intelectualidade atéia.

Delumeau afirma-se católico e produz o conhecimento histórico reconhecido tanto em seu país como fora. Souto Maior coloca a sua condição de espírita e para ele não existe conflito entre ciência e religião, o mesmo afirma Delumeau, em seus trabalhos.

A linha teórica de Delumeau é uma das possibilidades que a historiografia contemporânea pode seguir para estudar o tema das religiões, assim como o Imaginário, que pesquisa imagens, símbolos, arquétipos das diversas religiões.

Souto Maior no espiritismo destaca a racionalidade espírita que coloca a razão como parte fundamental para a concepção espírita, com base na observação e da experimentação, a fundamentação para a compreensão das coisas, na ordem social, natural, moral e existencial.

Delumeau estabelece com sua pesquisa a importância do tema religião e que se ele conseguiu fazer com o cristianismo, se pode construir com as demais religiões,

descobrir e informar as bases de cada religião, suas crenças e práticas e suas influências em cada cultura e sociedade.

Souto Maior deixa em seu trabalho sobre o espiritismo, que não apenas este fenômeno religioso no Brasil, mas os outros, com destaque para as manifestações afro-brasileiras, como as indígenas, necessitam da história debruçar seu olhar, de maneira geral para compreender a formação da identidade ou identidades do Brasil.

Outros ângulos da realidade religiosa serão abordados pelos estudiosos, mas Delumeau e Souto Maior contribuíram para que outros interessados nestes fenômenos procurem ampliar as pesquisas.

Em Delumeau observa-se uma linha teórica com influência dos *Annales* e um percurso próprio que influenciou historiadores em todo o mundo, com Souto Maior a credibilidade de um historiador comprometido com o conhecimento histórico, o capacita também ao tematizar religião e seu grau de importância.

Os dois historiadores fazem percurso distintos, o francês se comprometeu a estudar o tema do medo e se aprofundou pelo cristianismo, enquanto o brasileiro comprometido com as questões sociais e políticas, estabelece uma ponte entre a passagem do agnosticismo para a religião não apenas no evento emocional, existencial, mais na racionalidade.

Entre a fé, as crenças, as imagens, símbolos, arquétipos e racionalidades, existe um amplo caminho de pesquisa deixado por ambos historiadores. A diversidade religiosa, a pluralidade das crenças, a superação da ignorância, a construção de uma sociedade solidária, a fraternidade entre homens e povos, a crença de um Deus, o combate a todo o fundamentalismo, a luta pela paz, são constantes nos trabalhos dos dois historiadores que escreveram a História, escrevendo suas histórias.

São historiadores que aliaram a erudição de seus trabalhos a sensibilidade diante das questões do sentido da vida, da significação da morte, do papel do medo na sociedade ocidental, e a superação através do conhecimento tanto das ciências como das religiões das barreiras dos conflitos entre os dois campos do saber.

A contribuição da discussão do campo religioso e sua historiografia, abrem espaços para pesquisas que devem levar a novas áreas da pesquisa em História. A crença e sua eficácia, as doutrinas religiosas e suas influências no meio sócio-cultural, práticas, ritos e mitos são temas em que o historiador e o professor de História, podem analisar em seus espaços de pesquisa e ensino respectivamente, possibilitando aos alunos e interessados um aprofundamento do estudo e da pesquisa desses temas, a partir de várias perspectivas teóricas – Delumeau e Souto Maior, são duas direções dentro do campo religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho foi colocado a possibilidade da relação História e Religião dentro de padrões tais que não estivesse uma barreira de diálogo e não de confronto desde que os eventos, os fenômenos religiosos, são possíveis de serem pesquisados, retirando a carga de preconceitos desenvolvidos por aqueles que acham parte de uma ideologia que mascara a realidade social e deixa as pessoas e as classes principalmente as mais pobres, dominadas por um discurso de aceitação e de resignação da pobreza, de submissão ao poder dominante.

Outros acreditam e defendem que a religião é uma ilusão, e que vivenciá-la, também, é um grande engano e por consequência os indivíduos são conduzidos a estarem perdidos dentro de ciclo vicioso da ilusão.

Superando as duas abordagens que restringem a religião a um papel ideológico de dominação, encontra-se aqueles que percebem os fenômenos religiosos, dentro de uma condição histórica, sociológica, antropológica, que por si só possibilita seu estudo, para se entender toda a complexidade das idéias, crenças e práticas, na vida das pessoas e classes sociais.

Observou-se que desde que o homem inicia seu percurso como ser dotado das condições de sobrevivência, deixou marcas hoje analisadas, com mais precisão e disto se tira as teorias de que este homem “pré-histórico” possuía expressões de ordem metafísica.

Sociedades arcaicas são dotadas de uma série de imagens e símbolos, portanto arquétipos, que se encontram nas sociedades atuais, se as antigas tinha muito de imagens, mas possuíam técnicas avançadas, para os escassos materiais de sua época.

Assim como as sociedades atuais apesar de sua tecnologia, também possuem mitos, símbolos, tão expressivos quantos as das sociedades arcaicas, por que isso? Por que estamos falando e estudando o mesmo homem, em sua estrutura social, antropológica, evidentemente com as especificidades de cada época.

Os desafios da história encontra-se no decorrer das inúmeras mudanças na abordagem da historiografia, multiplicar seus temas é um dos mais instigantes, quanto conflitante é o tema religioso e ainda mais do historiador religioso, aquele que professa uma religião.

O século XXI em curso traz questões ainda não respondidas do século anterior, estamos em plena construção de várias possibilidades de abordagem do fenômeno religioso e principalmente da pluralidade das religiões. As bases para estudar essa demanda ainda está sendo formada.

Os caminhos para a investigação histórica quanto às religiões vão da nova história cultural, até a história social, e com as devidas aproximações com a sociologia, antropologia e da psicologia, como formas de compreender a complexidade que se estabelece em cada religião estudada.

No planeta, entre o medo e a esperança, entre o paraíso e o inferno, avolumam-se a procura por religiões, tanto quanto em alguns lugares na Europa aumenta o ateísmo, até porque o Estado laico, não deixou margens à busca pela religião e se criou ao longo dos anos, geração desconectada com religiosidade, como também as instituições religiosas dominantes em muitos casos sufocaram as minorias e as outras práticas religiosas e crenças.

No decorrer do século XIX e XX, a História construiu um caminho de abordagens econômicas, políticas e de mentalidades, culturais. Daí que o campo religioso não se reduz apenas a religião, mas também as ciências, que pesquisam os temas religiosos, sejam das instituições seculares como a Igreja Católica, as Igrejas Protestantes, Pentecostais, Neo-pentecostais, sejam religiões consideradas minorias, nas sociedades.

As práticas, os rituais, os mitos, as festas, as crenças são fontes para se entender, comportamentos, atitudes, visão de mundo de indivíduos, grupos e classes sociais.

A combinação entre religião, mudanças e permanências sociais está bem clara no decorrer da História, em alguns momentos tem a permanência dos códigos sociais

de outros a uma luta por mudanças que não ocorrem sem serem dominados pela violência do estado e das instituições religiosas dominantes.

Em um outro campo do cristianismo não há como não destacar as artes como, a arquitetura, a pintura, a escultura e a música, que trazem beleza, traços de espiritualidade, que é abordado pela História em diversos trabalhos desde a História Cultural à História das Artes.

A diversidade das religiões possibilita várias abordagens desde as religiões da matriz judaico-cristã, até as religiões brasileiras de matriz africana e indígenas. As religiões de matriz africana como candomblé, jurema, xangô, umbanda, tem na tradição dos povos africanos transplantados para o Brasil, durante o período da colonização na condição de escravos, mantinham suas tradições tanto quanto adaptaram as novas condições impostas pela estrutura social em que viviam. Hoje em dia existe um intenso preconceito em torno destas manifestações religiosas, marcas da escravização, da condição de subalternidade destes no passado e o desconhecimento de suas manifestações, ritos e mitos na atualidade.

A contribuição da História pode acontecer quando demonstrar a falta de conhecimento em relação às estas religiões, tanto quanto um veículo para desfazer o preconceito em relação às práticas religiosas brasileiras e seus direitos a efetiva prática de seus rituais e doutrina. Existe um amplo caminho a ser percorrido e fugindo de todos os preconceitos de ordem ideológica que em muitas vezes deixou o estudo e a pesquisa das religiões em situação secundária.

Este trabalho contribuiu para debate ciência e religião, com destaque para a relação história e religião. Dois historiadores foram destacados para o estudo de caso em suas trajetórias acadêmicas: Jean Delumeau em o cristianismo, símbolos, imagens e Souto Maior na racionalidade espírita e o percurso de um agnóstico e mudança de sistema simbólico, para uma religião espiritismo. Além de observar o estudo do mito e do rito, acrescenta-se o interdito, como um dos componentes para a investigação historiográfica da religião. E para fechar as possibilidades de estudo das religiões foi colocado como possibilidade teórica do Imaginário, na trajetória antropológica dos dois historiadores.

A pesquisa que demonstrou tanto a ciência como a religião, sendo sistemas simbólicos de representação de idéias são importantes e decisivos na compreensão da realidade humana. A História aqui colocada próxima a religião, tem um papel de destaque na relação ciência e religião. O um dos historiadores ressaltado foi o francês Jean Delumeau. Em todo decorrer desta pesquisa procurou-se mostrar que Delumeau, encontra-se os símbolos, imagens e arquétipos do cristianismo, temas como culpa, medo, pecado, morte, ressurreição, milenarismo, são o conjunto de situações encontrados pelo historiador que desenvolve perspectiva própria para investigar o fenômeno religioso, em específico o cristianismo. A questão posta é a sua maneira de apreciar o cristianismo pode ser utilizado para outras religiões e suas especificidades? Entende-se que ele foi eficaz quando da pesquisa do cristianismo, porém quanto as outras religiões a perspectiva fica em aberto, com boas possibilidades de produzir boas pesquisas.

A contribuição de Delumeau também foi aqui enfatizada principalmente no tocante a historiografia da religião quanto ao cristianismo e sua longa história, a importância desta religião na construção social e cultura de todo o ocidente, influência essa que atinge todo o planeta. A construção de uma teologia, a reunião de práticas e ritos, desde o judaísmo, a cultura helênica e demais culturas do oriente próximo entre outros o mitraísmo é percebido por Delumeau. A construção de uma esperança diante do medo e enfatizado por ele, quando do milenarismo, fala de mil anos de felicidade e a volta do Cristo. Apesar de toda a pedagogia do medo e nas palavras do historiador da culpabilização, ainda há esperança. Com Jean Delumeau, ressalta-se a importância da religião em específico do cristianismo na cultura, na mentalidade, da sociedade ocidental, o que fica é a proximidade, tão estreita entre a história e a religião e o quanto a religião interfere, constrói os meios da sociabilidade, sustentado os mitos. Se a história narrativa, o mito é uma narrativa das religiões, onde todas elas tem um mito fundante, naquilo que Eliade (1985) chamou de *Illud tempus*, o início de tudo, onde há um eterno retorno.

O historiador Jean Delumeau criou com sua historiografia sobre a religião, um conjunto de conhecimento, que possibilita ao historiador investigar outras religiões, sendo que outras abordagens devem ser experimentadas para que se atinja a especificidade de cada religião.

Ao se analisar as concepções e posturas teóricas dos historiadores Souto Maior e Delumeau chega-se à conclusão que em sendo um historiador religioso toda a obra de Delumeau se torna fundamental, pela metodologia, pela erudição, quanto por ter colocado como estudo o sentimento de insegurança, com isto ressaltado o medo na formação de uma sociedade, com base no percurso religioso e destacando a proximidade entre religião e história.

Por outro lado, com o historiador Souto Maior encontra-se um pesquisador envolvido entre questões determinadas pela avaliação do padrão da economia, o determinante na sociedade seria a estrutura econômica e política. Em seus trabalhos existe esta preocupação. Mas o que ficou para a pesquisa e abordagem deste trabalho foi sua contribuição ao debate história e religião. Quando narra todo o percurso histórico do espiritismo, na França e no Brasil, deixando no dizer dele mesmo, a necessidade de um maior aprofundamento do espiritismo no Brasil.

A outra questão é sua passagem de um sistema simbólico para o outro no caso do agnosticismo para a religião, com eventos que diz respeito a sua subjetividade, a sua espiritualidade, diante da morte e da dor, inicia-se, assim, uma procura, pois a suas antigas respostas não lhe satisfazem mais, com isto os fatores morte e dor, desencadeiam uma nova fase pessoal e intelectual do historiador Souto Maior.

Ao estudar sobre o espiritismo, assim como outras manifestações religiosas que relacionadas em um lugar comum, aborda-se então dentro de uma generalidade, esquecendo-se as especificidades de cada manifestação religiosa. Por isso a investigação no campo religioso esta em aberto para as devidas contribuições dos historiadores no Brasil.

A outra possibilidade de investigação na história é a perspectiva da interdisciplinaridade, com a contribuição da sociologia e da antropologia. O tema religião, religiosidade e práticas, ritos acrescenta-se o interdito, que diz das interdições, proibições, no campo do sagrado e do profano, da violência tão determinante nas sociedades. A emergência das ciências das religiões abre novas abordagens para os mitos, ritos, símbolos, e o imaginário.

As ciências das religiões têm um papel importante na análise do fenômeno religioso quando de suas novas abordagens e sob várias perspectivas sociológica-histórica- antropológica psicológica entre outros. Quando se coloca frente a frente ciência e religião.

Neste contexto, Historiadores de Fé: agnosticism e religiosidade em Jean Delumeau e Souto Maior de vem contribuir para este debate, vislumbrando possibilidade de aproximação entre estes dois campos do conhecimento a partir de pelo menos três objetivos.

Primeiro identifica-se entre ambos autores aproximação quanto a temática ciência e religião, quando os dois declaram suas posições religiosas, suas crenças, porém não desistem de observar e analisar o fenômeno religioso do ponto de vista científico.

Afirmam a necessidade de a ciência superar a ignorância. Constroem suas análises a partir do cristianismo, embora siga trajetórias teórico-metodológicas distintas .

Segundo fica entendido que os historiadores citados conclamam à liberdade de expressão às diversas religiões e o respeito à diversidade como condição sine qua non para a produção do conhecimento.

Terceiro ao distinguir e analisar os caminhos do historiador do século XXI chega-se as seguintes conclusões, a trajetória é a diversidade de abordagens e visões teórica-metodológicas de que ciência e a religião são sistemas de compreender e interpretar a realidade.

As aproximações e distanciamentos entre Delumeau e Souto Maior começam na temática encontrada nos dois. Divergem quanto à questão da reencarnação que não existe nos extos primeiro, enquanto segundo enfatiza não só no espiritismo e acrescenta a crença em várias civilizações como os egípcios, gregos, hindus, celtas. A ressurreição dogma para a doutrina católica não é assimilada pelo historiador brasileiro.

Enquanto a figura de Jesus Cristo é encarada pelos historiadores de forma distinta, o historiador francês o vê como uma das pessoas da trindade, portanto Deus

encarnado na sua condição humilde que sofre as dores humanas, o historiador brasileiro recusa a condição de Deus para Jesus e expõe que Le é um libertador de consciência. O Santo Ofício era a aplicação a pastoral do medo, educando os que discordam da Igreja com aplicação de penas de exclusão e excomunhão. A doutrina espírita foi alvo de auto de fé em Barcelona Espanha.

A educação por intermédio da pastoral do medo, impõe-se a todos os pontos do Ocidente, para Souto Maior, o espiritismo tem uma proposta pedagógica que é capaz e transformar a sociedade a partir a solidariedade.

Enquanto as idéia do perdão como suspensão da análise da categoria medo e pecado, e abrandando a postura da Igreja e sua situação no passado domina o pensamento de Delumeau.. Com isto demonstra ainda sua ligação com a instituição depositando sua confiança e acreditando em seus postulados.

Na trajetória de Souto Maior observa-se uma mudança de postura em relação religião como uma de investigação acadêmica. Ao longo de sua carreira não tinha o campo religioso nenhuma prioridade, no entanto quando vivenciando situações de dor e da angústia da morte, toma outra posição e no final da vida elege a história das religiões como proposta de estudo e de vida.

Enquanto Delumeau fez o estudo da história das religiões, aproximando por sua curiosidade, identifica-se com o campo de estudo da religião, cuja doutrina se caracteriza pela sua relação com a razão a idéia de progresso e de evolução que assumem um papel central em sua investigação.

Souto Maior em dado momento observa o fenômeno que até então não foi percebido por sua curiosidade, identifica-se com o campo de estudo da religião, cuja doutrina espírita, se caracteriza pela sua relação com a razão a idéia de progresso e de evolução que assumem um papel central em sua investigação.

Ambos autores estudados expressam a relação do cientista com sua fé, crenças, razão e a produção do conhecimento, com todas as nuances, entre participar, professar uma religião e ser cientista, suas angústias, medos, certezas e incertezas, enfim sua humanidade.

A evidência conclusiva desta pesquisa é salientar as vivências de dois cientistas que transitam pelas duas formas de se perceber a realidade, a ciência e a religião, com os desafios permanentes de dois sistemas complexos da realidade humana.

Neste caminho tudo está por se fazer, a história tem perspectivas as mais variadas, para produzir a historiografia de temas que até antes não eram colocados e que a nova erudição com foco na compreensão das estruturas do imaginário, com seus símbolos, imagens e seus arquétipos, dão forma a nossa humanidade, o que para a tradição seria coisas não objetivas, sem possibilidade de verificação ou comparação.

Toda a fenomenologia foi criada do ponto de vista da comparação, para entender os fenômenos humanos e sociais, visto que o modelo das ciências naturais nem sempre supre as necessidades do estudo das sociedades e do homem.

Descobriu-se que o homem é um ser, entre outras coisas, um ser simbólico, um ser que imagina e que desse imaginário, nasceu a religião, as ciências, as artes e o conjunto de manifestações cotidianas, que falam dessa imaginação, que sempre o homem, pensou, criou, imaginou.

As estruturas para a sua condição de humanidade esteve presente em todas as situações sejam observando os astros, sejam observando a natureza seus ciclos e daí construindo e relacionando sua integração com a natureza, por intermédio das imagens, dos símbolos, dos arquétipos e dos mitos por ele construiu. Assim, surgem a religião e suas ritualísticas, bem como suas narrativas, onde heróis, deuses e demônios estão presentes em todos os planos, presentes com seus sentimentos, desejos, que expressão bem onde se encontrava seus desejos.

As experiências das sociedades e culturas passa pela íntima relação entre o mito e a história e a história e a religião. A história que tempo o tempo como matéria-prima, pode portanto observar a trajetória do homem e da sociedade no passado, no presente e no futuro sem nenhum exercício de futurologia, mas utilizando a matéria imaginativa presente em todas a construção do humano.

É possível em uma prospecção investigativa não só observar a arqueologia da história quanto ao passado, mas aquilatar o quanto o passado encontra-se no presente e

o quanto já se diluí no decorrer de novas experiências e de mitos secundários, que estão aproximando da condição de serem substitutos dos que até então eram os principais.

A criação de muitas perspectivas para a construção a historiografia já demonstra que a pluralidade de caminhos, desfaz a concepção de uma via única par compreender do ponto de vista histórica, ou seja, a diversificação que é própria às formas diferentes de acolher informações e interpretações da realidade.

A proposta deste trabalho também foi alcançar a pluralidade de visão, várias facetas do fazer histórico, a crítica as posturas dominantes, que não levam em consideração a diversidade e sem cria os rótulos que muitas vezes, asfixia a produção do conhecimento histórico.

A temática das religiões recebe um ponto de vista histórico uma abertura de uma análise e estudo, conquistadas neste século iniciante, que em tudo se indica muito promissor nos recursos de entendimento do tema das religiões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. O que é história cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARDOSO, Ciro F. No Limiar do Século XXI
Disponível em www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-1.pdf Acesso em 6 de set. de 2008.

COSTA, José Silveira. Tomás de Aquino. A razão a serviço da fé. Coleção Logos. 5ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

DELUMEAU, Jean. As razões de minha fé. São Paulo: Loyola, 1991

DUARTE, Luís M. Disponível em: <www.h-debate.com/Spanish/presentaciones/lugares/portugal/resumen.htm> Acesso em: 12 dez. 2006.

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

DURAND, Gilberto. As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

_____, Campos Simbólicos. Lisboa, Instituto Piaget, 1996.

ELIADE, Mircea. Disponível em: <agata.ucg.br/formularios/ucg/docentes/fit/joao_oliviera/pdf/atividade_fit1500.pdf/1983> Acesso em: 28 agosto 2007.

EDUSC. www.usc.br/edusc/noticias/folha_mais_out2003_pecadomedo.htm acessado em 18 de novembro de 2008 às 11:33 minutos

FERRARI, Trujilo. Metodologia da ciência. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

GADALLA, Moustafa. Cosmologia Egípcia-O Universo Animado. São Paulo: Masdras, 2005.

KAHN, Elio M. Es César o es de Dios?. México: PYU, 2007.

LIPTON, Bruce. A Biologia da crença. São Paulo: Butterfly, 2007.

MACHADO NETO, A.L. Da vigência intelectual: um estudo de sociologia das idéias. São Paulo: Grijalbo, 1968.

MAIOR, Armando Souto. **Antes e Depois de Kardec**. São Paulo: Dux, 2006.

MARCHI, E. Disponível em:

calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/7861/5542).

Acesso em: 3 e 4 de setembro de 2008 as 10:00 e 9:00.

MERCANTE, S. Disponível

em:<www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Marcelo_Simao_Mercante.htm>

Acesso em: 4 de setembro de 2008.

MORIN, Edgar. **A inteligência da Complexidade**. São Paulo:Fundação, 2000.

PEIRANO,Mariza. **Rituais ontem e hoje**.São Paulo: Editora Jorge Zahar, 2003.

PITTA, Danielle Perin Rocha. Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand,Rio de Janeiro: Atlântida, 2005.

REVISTA HISTÓRIA E DEBATE. Disponível em: www.h-debate.com. , www.h-debate.com/Spanish/resenas/resenas/sobral.htm, www.h-debate.com/Spanish/manifiesto/idiomas_manf/manifiesto_had_pt.htm.Acesso 5 e 6 de setembro de 2008.

REVISTA CORRELATIO. A fé em Paul Tilich. Disponível em:

<www.metodista.br/ppc/correlatio/> Acesso em 4 de set. 2008.

SANCHIS,P. O Campo religioso será ainda o campo das religiões? In Hoornaert.E.(org)História da Igreja na América Latina e Caribe.(1945-1995)Vozes:Petrópolis, 1995.

STERN,Leonardo.Disponívelem:<http://www.pesquisapsi.com/ontent/view/2150/140>> Acesso em: 04 set. 2008, as 11:00

SILVA,Rodrigo.As raízes do

Sebastianismo,Disponívelem:www.klepsidra.net/klepsidra2/sebastianismo.html. Acesso em 18 de novembro de 2008, as 10:30

SCHULTZ, Adilson. A violência e o sagrado segundo René Girard. Disponível em <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/003/03adilson.htm>, Acesso em 19 de novembro de 2008.

WEBER, Max. Ciência e Política Duas Vocações. São Paulo: Martin Claret,2005.

VIEIRA, Ribeiro, Gilberto. Evangelhoterapia: a ciência de amor.Rio de Janeiro: Graun, 1992.www.germinaliteratura.com.br/cinema1.htm.Maria Helena Nery Garcez

APENDICE

ENTREVISTA COM A PROFESSORA GABRIELA MARTIN- VIUVA DO PROFESSOR ARMANDO SOUTO MAIOR FEITA EM 05 DE AGOSTO DE 2008, DAS 15:20 ÀS 17:00 HORAS.

1° O professor Souto Maior tinha algum tipo de medo?

R- Tinha medo da morte e da dor

2° Em sua juventude o Prof. Armando manifestou algum sentimento religioso?

R- O Dr. Armando dizia que seria um bom monge, chegou maçonaria na juventude, ele era um homem de esquerda. Ele ridicularizava a ignorância dos pentecostais e se dizia não um ateu praticante.

3° O professor tinha alguma doença?

R- O Dr Armando nos exames médicos foi detectado o câncer na garganta o que em algum tempo a dificuldade de expor as aulas porque doía muito. Ele ficou apavorado e angustiado e viajamos para Houston, nos EUA, no Centre MD Anderson, neste centro hospitalar tinha muitos brasileiros e muitos espíritas, foi aí que começou receber livros espíritas, assim começou a se envolver muito e foi visitar um centro espírita de um juiz em Olinda.

4° A senhora poderia destacar algum traço da personalidade do Prof. Armando?

R- O Dr Armando era autoritário, gênio forte, com um colega universitário teve uma discordância de 30 anos, mas que quando se tornou espírita se desculpou publicamente. Vou precisar tirar uma dúvida antes ou depois de ser espírita.

5° O que mudou no comportamento ou nas atitudes do prof. Armando no contato ou conversão ao espiritismo?

R- Fundou uma escola, escola Leon Denis, ali também acontecia às reuniões espíritas a noite, passou a só se interessar pelo espiritismo, ele ficou mais bondoso.

6º O que a senhora achou dessa conversão ao espiritismo?

R- Como já disse, ele ficou bondoso, porém o lado negativo é que se afastou dos amigos mais antigos e da família, só conversava com os amigos espíritas.

7º O que fez mais o prof. Armando fez além da escola no espiritismo?

R- Criou um jornal espírita, não muito objetivo, ele tinha o trabalho de escrever os artigos do jornal e corrigir os artigos dos outros colaboradores inclusive refazê-los.

8º Com sua conversão ao espiritismo como ficou seus antigos temores?

R- Não teve mais medo da morte e acreditou na reencarnação.

9º Qual a posição do prof. Armando antes do espiritismo?

R- Materialista, agnóstico, e de esquerda.

10º Como era a sua situação diante da dor?

R- As dores eram muito intensas, neurites mialina, tomava muito morfina, sonífero, ciclotrópicos, que causou dependência, sua transformação se deu por medo da morte.

11º Como a senhora via sua postura espírita?

R- Entendo que desenvolveu um maniqueísmo, onde tudo no espiritismo estava certo e os outros errados, para mim o Dr. Armando desenvolveu um baixo espiritismo, porque ele queria fazer proselitismo.

12º O professor orientou algum trabalho acadêmico sobre as religiões?

R- Orientou a tese de Vera Borges de doutorado sobre a história do espiritismo em Pernambuco, pela UFPE.

13º Como ficou a relação com os familiares e os amigos quando se tornou espírita?

R- As relações com os amigos foi boa no início, mas depois de deteriorou.

14° O prof. Armando possuía livros espíritas e fez alguma viagem para conhecer algo sobre o espiritismo fora do Brasil?

R Sempre nas viagens que fazíamos procurava algo em especial quanto aos livros. Fizemos uma viagem a França e ele fez um roteiro espírita para essa viagem que incluiu Paris, Leon onde Kardec nasceu e Tours onde nasceu Leon Denis, em Paris visitamos o Père Lachaise, onde está o túmulo de Kardec. Em Campinas adquiriu o livro, Espiritismo uma religião brasileira, versão original.

